

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO COORDENADORIA
DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU

PÓS-GRADUAÇÃO TERESA - GESTÃO DE TERRITÓRIOS E SABERES

MARIA CLÁUDIA NOGUEIRA

COMPASSOS E DESCOMPASSOS DE UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO
COMUNITÁRIA NA ESCOLA DO MAR EM TRINDADE, PARATY - RJ

PARATY – RJ

2023

MARIA CLÁUDIA NOGUEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-graduação em Gestão de Territórios e Saberes do Instituto de Educação de Angra dos Reis – UFF, como parte dos requisitos para obtenção do título de especialista em Gestão de Territórios e Saberes.

Sylvia de Souza Chada

Orientadora

Leonardo Esteves Freitas

Coorientador

PARATY – RJ

2023

FOLHA DE APROVAÇÃO

MARIA CLÁUDIA NOGUEIRA

COMPASSOS E DESCOMPASSOS DE UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA NA ESCOLA DO MAR EM TRINDADE, PARATY - RJ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-graduação em Gestão de Territórios e Saberes do Instituto de Educação de Angra dos Reis – UFF, como parte dos requisitos para obtenção do título de especialista em Gestão de Territórios e Saberes.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA:

ROBSON POSSIDÔNIO – Pescador Artesanal de Trindade/ABAT

DIBE AYOUB – Professora Adjunta do IEAR/UFF

INDIRA ALVES FRANÇA – Professora Fiocruz/OTSS

DEDICATÓRIA

Para Santa Bárbara
que iluminou meus pensamentos

Para minha mãe Orlandina Nogueira

in memoriam

EPÍGRAFE

Quando nós falamos tagarelado
E escrevemos mal ortografado
Quando nós cantamos desafinado
E dançamos descompassado
Quando nós pintamos borrando
E desenhamos enviesado
Não é por que estamos errando
É porque não fomos colonizados

(NEGO BISPO, 2023)

AGRADECIMENTOS

Ao Deus que ajudou a confiar, a ter coragem e um pouco de ousadia.

Aos trindadeiros Fausto, Robson, Davi, Cristiane, Vitor, Camilla, Neiva, Érica, Marina, Cassilene, Soeli, Patrícia, entre outros (as) que compartilharam comigo informações, fotos, vídeos, depoimentos, sonhos, confiança e tempo neste trabalho.

A Vera da Trindade pelo apoio que recebi em especial durante a pandemia da Covid 19 e Adriana Matoso pelo incentivo a retomada da pesquisa pós pandemia.

A Sylvia Chada minha orientadora do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e Leonardo Freitas meu co-orientador do OTSS.

Ao coordenador do curso Teresa Lício Caetano do Rego Monteiro e aos demais professores (as) da Universidade Federal Fluminense (UFF), do OTSS, Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina, ICMBio, Fio Cruz e Fórum de Comunidades Tradicionais.

Às colegas da pós-graduação que eu gostei muito de conhecer. Às colegas Valquíria e Soraya, que me ajudaram nesse desafio.

RESUMO

Este trabalho destaca a importância fundamental da criação da “Escola do Mar” em Trindade, município de Paraty, Rio de Janeiro, como uma resposta aos conflitos territoriais e às tragédias vivenciadas pela comunidade local. Localizada entre uma sobreposição de Unidades de Conservação, sendo a Área de Proteção Ambiental (APA) Cairuçu e Parque Nacional Serra da Bocaina, essa região ecologicamente importante enfrentou desafios relacionados à posse da terra e ao acesso aos recursos naturais, impactando diretamente a subsistência das comunidades caiçaras. A trágica morte de Jaison Caique Sampaio (Dão), vítima da violência cotidiana que permeia a sociedade brasileira, evidencia a urgência de buscar soluções para preservar a cultura e os modos de vida da comunidade local. Nesse contexto, a criação da Escola do Mar, em 2016, se tornou uma iniciativa substancial de compartilhamento de saberes caiçaras, promovendo a valorização dessa cultura e estreitando os laços entre o desejo de uma educação de qualidade e a realidade da comunidade. Importante destacar que ao se planejar uma escola formal comunitária o sonho era de que esta escola tivesse como linha mestra a Pedagogia da Alternância, mas isso não aconteceu e isso levou os comunitários a decidirem por novos caminhos. A colaboração da Associação de Moradores de Trindade (AMOT) e atuação da APA Cairuçu desempenhou um papel crucial para o sucesso da “Escola do Mar”. No entanto, é preocupante que, no momento, a escola esteja inativa, a reativação das atividades é essencial para atender às necessidades da comunidade e preservar sua identidade cultural. Em resumo, esta pesquisa reforça a importância de encontrar um equilíbrio harmonioso entre a preservação ambiental e o respeito aos direitos e modos de vida das comunidades locais. A “Escola do Mar”, uma iniciativa inspiradora, busca fortalecer a identidade, a cultura e as conexões com o meio ambiente, enfrentando desafios que exigem contínuo engajamento dos grupos sociais existentes no território para garantir sua sustentabilidade e a preservação das valiosas tradições culturais locais. É fundamental que a comunidade, instituições e autoridades se unam para que a Escola do Mar retome suas atividades e continue a impulsionar o bem-estar social e ambiental da região de Trindade. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas estruturadas e bibliográfica qualitativa.

Palavras-Chave: educação comunitária; Escola do Mar; território tradicional caiçara, APA Cairuçu

ABSTRACT

This paper highlights the fundamental importance of the creation of the "School of the Sea" in Trindade, Paraty, Rio de Janeiro, as a response to the territorial conflicts and tragedies experienced by the local community. Located between overlapping Conservation Units, the Caiçu Environmental Protection Area (APA) and the Serra da Bocaina National Park, this ecologically important region has faced challenges related to land ownership and access to natural resources, directly impacting the livelihoods of caiçaras communities. The tragic death of Jaison Caique Sampaio (Dão), a victim of the daily violence that permeates Brazilian society, highlights the urgency of seeking solutions to preserve the culture and ways of life of the local community. In this context, the creation of the School of the Sea in 2016 became a substantial initiative for sharing caiçara knowledge, promoting the appreciation of this culture and strengthening the ties between the desire for quality education and the reality of the community. It's important to note that when planning a formal community school, the dream was for it to be based on the Pedagogy of Alternation, but this didn't happen and this led the community members to decide on new paths. The collaboration of the Trindade Residents' Association (AMOT) and the work of APA Caiçu played a crucial role in the success of the "School of the Sea". However, it is worrying that, at the moment, the school is inactive. The reactivation of activities is essential to meet the needs of the community and preserve its cultural identity. In short, this research reinforces the importance of finding a harmonious balance between environmental preservation and respect for the rights and ways of life of local communities. The "School of the Sea", an inspiring initiative, seeks to strengthen identity, culture and connections with the environment, facing challenges that require the continuous engagement of existing social groups in the territory to guarantee its sustainability and the preservation of valuable local cultural traditions. It is essential that the community, institutions and authorities unite so that the School of the Sea can resume its activities and continue to boost social well-being of the Trindade region. The research was carried out using structured interviews and qualitative bibliography.

Keywords: community education; School of the Sea; traditional caiçara territory, Caiçu APA

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1: Alunos no mar colocando a rede de arrastão.....	13
Foto 2: Aluno Murilo e o peixe miúdo	13
Foto 3: Aluna da pré-escola da escola municipal de Trindade.....	14
Foto 4: Beiju de coco doce assado na folha de bananeira.....	15
Foto 5: Cris Rei coordenadora da Escola do Mar	21
Foto 6: Matriz FOFA aplicada na pesquisa	26
Foto 7: Imagem de satélite da localização da APA de Cairuçu	31
Foto 8: Área ZUCEL – zoneamento segundo o Plano de manejo.....	32
Foto 9: Aérea da área ZUCEL da APA Cairuçu.....	33
Foto 10: Chamamento para passeata em Paraty, morte do Jaison.....	36
Foto 11: Pai de Jaison em protesto em Paraty.....	36
Foto 12: O luto pela morte do Dão e retomada do território	39
Foto 13: Reunião do FCT sobre educação diferenciada em Trindade	45
Foto 14: Oficina de chocolate com cacau abundante.....	50
Foto 15: Luta pela educação diferenciada em Paraty	52
Foto 16: Encontro de ciranda e fandango na Escola do Mar.....	56
Cronologia da Escola do Mar segundo Cris Reis – Fotos 1 a 36	57

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 METODOLOGIA.....	22
2.1 Pesquisa qualitativa	244
2.2 Estudo de caso	244
2.3 Procedimentos	255
2.4 Análise e interpretação dos dados	266
2.5 O cenário do estudo.....	277
3. OBJETIVOS	288
3.1 Objetivo Geral.....	288
3.2 Objetivos específicos.....	288
3.3 Questão Central.....	299
4. TRINDADE: MÚLTIPLOS CONFLITOS, EDUCAÇÃO E BEM VIVER.....	299
5. EDUCAÇÃO EM TERRITÓRIO TRADICIONAL E MEIO AMBIENTE.....	41
6. EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA: A ESCOLA DO MAR DE TRINDADE.....	499
6.1 Cronologia da Escola do Mar segundo Cris Reis (2020):	576
7. DISCUSSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	610
8. CONCLUSÃO	665
REFERÊNCIAS.....	709

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia tendo como objeto de estudo a “Escola do Mar de Trindade”, aborda a educação comunitária proposta por pescadores artesanais, lideranças locais, homens e mulheres comunitárias, como estratégia de manutenção da cultura e do modo de vida tradicional caiçara. Modo de vida tradicional caiçara que de acordo com Garrote (2004) significa “as famílias que praticam a pesca de subsistência, plantam roças de mandioca, confeccionam sua farinha e praticam a pequena caça em pequena escala, como também integrada à realidade atual: o turismo”.

Uma iniciativa de educação de base comunitária “feita por eles e para eles”, que aconteceu nos anos de 2016 a 2020, que exigiu grandes esforços coletivos e que também somou-se a um Coletivo de Educadores que lutam por uma educação diferenciada no interior das escolas para melhor atender as comunidades caiçaras, indígenas e quilombolas existentes em Paraty e da escola municipal Saulo Alves da Silva de Trindade, Paraty – RJ.

A comunidade de Trindade é para a autora dessa monografia um lugar de muitos afetos, muitos amigos, onde além de possuir uma beleza cênica, possui uma gente que dá a esta um sentido familiar. Ao longo de vinte três anos convivendo nesta comunidade a autora teve o seu interesse voltado por ouvir histórias de Trindade, e vivenciar experiências do lugar, e nos últimos anos estudar nesta Especialização Gestão de Territórios e Saberes, carinhosamente chamada de Teresa (*uma homenagem dos professores para a quilombola Teresa de Benguela, MT*).

Desde que conheceu Trindade a autora fez grandes amigos e muito cedo percebeu o fato de que esses amigos são cientistas locais, sabedores tradicionais que, tal como nas salas de aula e laboratórios das universidades, faziam experimentações, em seus roçados, ou na floresta, erigindo uma ciência naturalista pela observação sistemática dos rastros e comportamentos dos

animais, das épocas de acasalamento e dos tipos de mata em que são encontrados os diferentes animais caçados. Roçados e florestas, portanto, funcionam para estes como verdadeiros laboratórios” (Pantoja, 2016).

Segundo Garrote (2004) “muitas pesquisas posicionam se de maneira estática frente às mudanças que podem ser relativizadas em seus aspectos positivos e negativos diante de um determinado grupo social”. Citando Brito (1995) esta autora afirma que “muitos pesquisadores assumem uma posição rígida e simplificada entre tradição e mudança, submetendo a diferentes formas de organização social a uma única e preestabelecida escala de análise”

O conceito de população tradicional, para Garrote, além da importante conotação política, que a cada dia torna se imprescindível na luta pela permanência e legitimidade no uso dos recursos, também assume o importante papel para a construção de outro caminho. Isto se dá através de troca de experiências com o conhecimento formal desenvolvido nos meios técnicos e acadêmicos, guiados pelos preceitos do desenvolvimento sustentável.

Entre os diversos Festejos Caiçaras de Trindade que a pesquisadora participou, promovidos pelos moradores dessa comunidade, localizada a uma distância de 28 quilômetros de Paraty, a autora desta monografia observou que os mesmos sempre trouxeram um sentimento de que o tempo neste lugar é contado de um modo diferente.

A “Puxada de Rede de Arrasto”, por exemplo, *parte das ações da Escola do Mar* foi marcada para acontecer no período da tarde, às 14:00 horas. Porém o horário da “puxada”, não era o “horário da passagem do peixe”. Com isso, após a rede ter sido puxada, ela não trouxe a quantidade de peixe esperado, com muito entusiasmo, pelos alunos (as) da Escola Municipal Saulo Alves da Silva, de Trindade Paraty - RJ.



Foto 1: Alunos no mar colocando a rede de arrastão

A rede de arrastão trouxe uns peixinhos miúdos, um peixe médio e umas seis lulas. Segundo Robson Possidônio, o pescador que coordenou a pescaria dos alunos (as), o peixe costuma chegar mais para o final da tarde. Isso de longe não atrapalhou a atividade, mas demonstrou que para organizar um evento numa comunidade tradicional, deve-se primeiro pensar no tempo da natureza e da comunidade. Professoras ou educadoras comunitárias em comunidades tradicionais, não deveriam planejar suas atividades “no automático”, “no calendário anual”, mas antes considerar o tempo da natureza e o tempo da vida e trabalho do pescador.



Foto 2: Aluno Murilo e o peixe miúdo



Foto 3: Aluna da pré-escola da escola municipal de Trindade

O aprendizado dos alunos (as), “*escuela afuera*”, conceito cunhado por Catarina Walsh, uma pesquisadora latina americana sobre interculturalidade, pode ser também uma oportunidade para que estes vivenciem “o tempo do mar”, o tempo da comunidade local, dos pescadores, dos agricultores, que estão constantemente em sintonia com um calendário que não é somente determinado por datas e horários, como cita esta autora sobre a importância da comunidade:

Es señalar la necesidad a visibilizar, enfrentar y transformar las estructuras e instituciones que diferencialmente posicionan grupos, prácticas y pensamientos dentro de un orden y lógica que, a la vez y todavía, es racial, moderno-occidental y colonial. Un orden en que todos hemos sido, en una manera u otra, partícipes. (WALSH, 2009, p. 12).

No último dia do XI Festejo Caiçara, dia 28 de outubro de 2021, a autora passou o dia todo descalça numa experiência de conexão com a natureza, com a Praia de Fora, com a cultura caiçara, dentro de uma casa de pau a pique construída e barreada, com apoio de muitas mães, alunos (as), professoras,

diretora da escola, coordenadora, comunitários (as), com a madeira retirada do mato, com as devidas autorizações do ICMBio – Instituto Chico Mendes e com o chão de barro.

Pisar no chão neste dia trouxe boas lembranças de como foi bom conviver todos esses anos neste território tradicional de Trindade. Ao lado do fogão de lenha em conversa com mulheres e homens originários, a autora da pesquisa pode comer um maravilhoso bolinho de banana, com um café quentinho passado no fogão a lenha. O cheiro de farinha de mandioca feito num fogão de lenha próprio para a confecção da farinha. O frescor de um saboroso beiju feito pelo caiçara de Trindade, o Celso, com os seguintes ingredientes: caldo de mandioca crua, leite de coco, coco seco e ralado, e polvilho doce.



Foto 4: Beiju de coco doce assado na folha de bananeira

Pode-se dizer que a Escola do Mar é um espaço onde se promoveu a realização de alegres encontros. “Alegres encontros” que o educador ambiental Marcos Sorrentino (2000), classifica como sendo situações ou momentos fundamentais para que o ensino e a aprendizagem aconteçam de maneira significativa.

Em entrevistas realizadas pode se notar a percepção da importância da Escola do Mar para os comunitários que participaram da Escola do Mar. Quando perguntado à diretora da EM de Trindade Érica do Carmo, sobre a emoção de fazer a atividade “Folia de Reis”, dentro da programação do Festejo Caiçara de Trindade – ela respondeu: *“eu amo fazer parte do Reis. Faz uns seis anos que a escola participa dessa atividade do Reis no Festejo de Trindade. A importância dessa atividade para ela: cultura, tradição, resistência, crença, valores, respeito e tudo isso”*

Para Seu Vitor, um mestre canoeiro de Trindade, o que chamava as pessoas para fazer a Escola do Mar era o sentimento, em entrevista ele afirmou: *“na época que nós estávamos fazendo a casa onde foi a escola do mar, a dona Carmira esteve lá e ela gostou muito. Para ela lembrar, dos tempos dela, da mãe dela. Levaram a dona Carmira, levaram a Dona Dina lá. Levaram o Seu Vavá La na casa, ele ainda tava de muleta”*.

Para Soeli, mãe de aluno Murilo da EM de Trindade, em entrevista afirmou: *“O Festejo de Trindade? Que coisa mais linda! Você receber gente de Ubatuba, de Paraty, várias pessoas caiçaras. Fazendo comida, dançando ciranda. Porém, já passou da hora de abrir a Trindade para novos pensamentos. Se não se relacionar com outras cabeças a Trindade não vai para frente. Tem que pedir ajuda para outros que são diferentes de nós. Hoje eu sinto de não funcionar o projeto. Porque a escola do mar possibilitou o ensino da cultura tradicional de Trindade. Meu filho participou ativamente desse projeto. Um negócio tão bonito. As crianças ajudaram a construir a casa de pau a pique onde foi feito esse projeto, eles barrearam a casa! Pisaram no barro! Os alunos participaram muito! O pessoal fazia rede lá, fazia farinha, eu fui várias vezes lá na escola do mar”*.

A motivação para a criação da Escola do Mar foi promover a valorização das técnicas tradicionais caiçaras, incluindo a produção de farinha, mediante a incorporação de elementos como fogão e forno de farinha no projeto arquitetônico. A valorização da técnica de fazer farinha, por exemplo, foi identificada como uma maneira de resgatar o modo de vida e os costumes

caiçaras, compreendendo que essa prática era parte integral das atividades da Escola do Mar.

Inicialmente se desejou que Escola do Mar fosse uma escola comunitária formal, tendo como linha mestra a Pedagogia da Alternância. Essa escolha do grupo envolvido foi uma resposta à necessidade de preservar o conhecimento passado oralmente entre gerações, evitando sua perda.

Pedagogia da Alternância representa uma conquista de povos e comunidades tradicionais no processo de luta pela concretização do direito à educação de qualidade. No entanto, é também um campo de disputa pela sua moldagem a partir do saber local de cada contexto educacional e nos embates com o colonialismo institucional, especialmente o universitário, que opõem barreiras e dificuldades para impedir a implantação adequada dos cursos que adotam tal metodologia. (OLIVEIRA et al., 2017, p. 15)

Quando perguntado a Robson, em entrevista, E se transformasse a escola de trindade que já existe numa escola de alternância? Ele disse: *“Não dá porque daí você cai dentro da caixinha da escola pública. O que eles têm para oferecer, eles já nos deram. Mas isso não está em conformidade com que necessitamos. Porque eles seguem um ritmo. Seguem um currículo nacional. Uma política que tem que ser votada e seguida. O município dá isso. Ele tem uma regra que ele segue para todas as escolas de Paraty. A educação diferenciada que está em Paraty, não partiu da SM de Educação. É uma luta no movimento do coletivo de educação diferenciada. Que não é pensada somente com pessoas de comunidades tradicionais do território, mas sim com a UFF, com vários professores e várias organizações, pesquisadores e cientistas escrevendo e capacitando professores para fazer a educação diferenciada. Tanto para indígenas, caiçaras e quilombolas. Existiu em algum momento o exemplo da escola do Sono e do Pouso da Cajaíba, como um protótipo, que expandiu, em 2020. Então é uma coisa super nova!”*

Com o passar do tempo e os inúmeros obstáculos que surgiram pelo caminho, fez com que o grupo envolvido com o sonho de ter uma escola comunitária em Trindade mudasse essa ideia inicial. Passaram então a lutar para que a Prefeitura de Paraty oferecesse ensino de sexto ao nono ano, do segundo segmento do ensino fundamental, e de qualidade, como alternativa aos deslocamentos das crianças e pré-adolescentes para estudar em Paraty. Nesse momento que grupo se fortaleceu no Coletivo de Educação Diferenciada de Paraty.

Em entrevista com Marina do Carmo, mãe de aluno na escola municipal de trindade ela disse: *“Eu me juntei as outras mães e mulheres envolvidas nesse projeto. Eu não tinha uma função específica só queria fazer parte e ajudar o projeto. Participei de poucas reuniões, mas o meu desejo era que existisse um futuro melhor, bem estar, ocupar espaço da ZUCEL com algo importante e fazer algo diferente pra as crianças e não só ficarem em sala de aula. No meu ponto de vista ela não acabou só precisa de pessoas interessadas pra fazer as coisas acontecerem. Cultura caiçara é o nosso forte já que somos comunidade tradicional caiçara. Escola do Mar tem tudo pra dar certo só precisa de pessoas com interesse e vontade de fazer as coisas pro bem das crianças e da comunidade. Para isso acontecer precisamos de pessoas com disposição tomar frente para as coisas acontecerem. Essa iniciativa começou com um grupo de pessoas da comunidade que se juntou deu o ponta pé. Inicialmente fomos até nova Friburgo conhecer uma escola que tem lá com segundo segmento bancado pelo município e até 3º ano do ensino médio, bancado pelo governo muito Top esta escola. Aqui nós conseguimos segundo segmento com muita luta! Se correr atrás se consegue muitas outras coisas! Só precisa de disposição pra fazer acontecer!”*

Em entrevista com Roberta Lopo, professora de Geografia da rede municipal de Educação de Paraty: *“O Coletivo se chama - Coletivo de apoio à Educação diferenciada do Fórum de Comunidades Tradicionais - e existe uma parceria entre o FCT e a UFF, através do Programa Escolas do Território, que desenvolve uma metodologia de reorientação curricular com escolas que estão*

dentro do programa de formação continuada, que chamamos de Educação Diferenciada”.

Este programa nasceu no seio de um grupo de pesquisa denominado “Espaços educativos e diversidade cultural” – que visa socializar experiências de pesquisa, ensino e extensão que o IEAR/UFF faz em formação de professores, no campo da elaboração participativa de projetos políticos pedagógicos que contemplam currículos integrados, interdisciplinares e diferenciados com escolas localizadas em territórios de comunidades tradicionais, <https://escolasdoterritorio.uff.br/>, consultado em outubro de 2023.

A criação de uma escola comunitária dos sonhos, fundamentada na Pedagogia da Alternância, refletia o compromisso do grupo em unir práticas culturais às experiências de aprendizado formais. Mas o grupo acabou desistindo dessa ideia por conta de obstáculos que encontraram, entre esses a burocracia para a formalização de uma escola formal de educação.

De acordo com Robson, em entrevista: *“Eu , Cris, Leila, Érica, Camila e outras pessoas, passamos a nos debruçar em cima de como que seria isso. Se reunir, fazia planejamento. Fizemos um encontro inclusive na Nova Friburgo para conhecer a escola lá. Fizemos várias reuniões, vários encontros, até chegar nessa ideia de como que a gente queria. A ideia Inicial era a gente fazer uma escola diferente. Uma escola no sentido da Educação de Alternância. Educação do Campo. Você vai um tempo para escola um tempo para o mar. Uma escola do mar mesmo! Uma coisa completamente diferente dessa escola normal. Mas foi aí que a gente achou o problema. Porque é uma proposta que você precisava primeiro convencer os pais. Os pais adotarem essa ideia como importante para eles. Para os filhos. E a gente propor isso dentro da comunidade aqui. Ela seria como uma escola pública. Mas independente. Necessitava muito da AMOT, foi ai que o Faustinho entrou muito, o Jonas, eles adotaram a ideia. Eles eram os diretores da Associação”.*

A escolha do local onde foi construída a Escola do Mar, até o ano de dois mil e dezesseis, uma área de quinze mil metros quadrados, era habitada

esporadicamente por prestadores de serviços da empresa Trindade Desenvolvimento Territorial, a TDT, havia no local duas casas.

Neste local também funcionava um camping: diziam “o camping da companhia”. Sendo esta, a mesma empresa que há trinta anos brigou contra os “trindadeiros”, alegando que toda a área que compõe a Vila, parte central de Trindade e a praia dos Ranchos inteira, e o local conhecido como “Morrão”, pertenciam a esta empresa TDT. Esse trecho da história de Trindade foi muito bem retratado no filme “O vento contra”, Adriana Matoso (1981).

Conforme relatado por mulheres de Trindade, famílias inteiras já viveram no local, com casas e plantações pertencentes aos caiçaras. No mesmo solo onde posteriormente foi erguida a "Escola do Mar", gerações de filhos e netos caiçaras vieram ao mundo e cresceram nessa região litorânea, circundada pela exuberante Mata Atlântica. De acordo com Krenak (2021), esse local era descrito como um "lugar maravilhoso":

O bem estar de pescadores artesanais como os que temos em Trindade, revela que estes homens e mulheres não precisam consumir a Terra para o seu bem estar humano. Pelo contrário, sentindo-se parte da natureza estabelecem com a mesma uma relação amistosa e generosa com esta que não lhes fornece apenas o sustento (*que já seria um grande argumento*), mas também o lazer, o riso e as trocas simbólicas com a sua gente, numa verdadeira “dança cósmica” (Krenak, 2009).

Momentos como o que a autora presenciou nos Festejos Caiçaras de Trindade faz lembrar, aos que estiveram durante horas no evento e para o pescador que dali sobrevive, que a Terra, “não é uma coisa, mas um organismo vivo” (Krenak, 2009).

Assim, pode se afirmar que a Escola do Mar, atualmente adormecida por diversos fatores, é um espaço potente para o ensino e aprendizagem do bem viver. Seu modo de funcionar mesmo que tímido, por que não funcionou de maneira permanente, se mostrou potente no seu modo de fazer educação,

além de demonstrar outras perspectivas e possibilidades de sentir e experimentar a vida em conexão com a natureza.

O espaço onde seu Vitor, mestre canoieiro, utilizou para construir belíssimas e apumadas canoas; onde redes de pescas são estendidas para serem costuradas, porque o peixe as corta mesmo; onde a Escola do Mar promoveu uma educação comunitária é constituída de “corpos vivos em uma terra viva” (Krenak, 2009).

Em Trindade a vivência tradicional caiçara é feita de “corpos que resistem num território em disputa contínua”, num território que pulsa e se transforma a cada instante. No caso da “Escola do Mar”, deseja-se no escopo sutil do seu projeto a “ajudar criar e construir seres humanos para uma terra viva viva” (Krenak, 2009).



Foto 5: Cris Reis coordenadora da Escola do Mar

2 METODOLOGIA

Desde que a autora entrou no curso de especialização Gestão de Territórios e Saberes, ela foi estimulada a compreender a pesquisa científica como um mosaico, um cubo mágico ou um artesanato que implica múltiplas dimensões e caminhos para se aprofundar e conhecer.

Inicialmente a autora cursou doze disciplinas junto a equipe de professores, realizou trabalhos de grande relevância para aproximação no território tradicional. Teve acesso a publicações, artigos e livros, seguindo o que afirma Lakatos e Marconi (2003), que diz que “a pesquisa bibliográfica proporciona um panorama geral dos principais trabalhos já realizados sobre o tema, fornecendo dados e informações fundamentais para a planificação do estudo, evitando duplicações e equívocos e representando uma fonte indispensável de conhecimento que pode guiar as investigações”

Outra escolha feita foi a da pesquisa militante, que para o autor Jaumont & Varella (2016) gira em torno da ideia de compromisso dos pesquisadores com os setores populares, com a transformação social, com o povo oprimido. Para o educador Paulo Freire, a pesquisa militante, conecta se ao compromisso da dimensão amorosa, ressaltando que “onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação” (FREIRE, 1987, p. 45). Nesta pesquisa se procurou não silenciar as vozes dos pescadores artesanais de Trindade, das mulheres comunitárias, as lideranças locais comunitárias, a equipe escolar que se envolveu nas ações da Escola do Mar.

Um caminho dialógico e aberto, no qual os movimentos sociais e as coletividades deixam de ser meros objetos de estudo a serem observados de maneira distante e neutra e passam a ser considerados sujeitos produtores de conhecimento legítimo e participantes ativos na construção do saber científico. (BRINGEL, VARELLA, 2014: 8)

Um percurso metodológico orientado por renomados professores, pela universidade pública e gratuita, e demais parceiros, entre esses: Fio Cruz, o Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina, Instituto Chico Mendes ICMBio) e Fórum de Comunidades Tradicionais (FCT).

Um investimento de pesquisa de educação em rede junto a atores sociais que residem ou possuem algum tipo de vínculo em territórios tradicionais, sejam por origem, ancestralidade tradicional, trabalho técnico, ou por afetos, usos e costumes, militância política, sociabilidade, entre outros, nas cidades de Paraty, Angra dos Reis e Ubatuba, entre outras, cidades localizadas no sudeste do Brasil, no eixo Rio de Janeiro e São Paulo.

Espaço territorial que sofreu grandes transformações ao longo da história do Brasil, em especial no início da colonização portuguesa quando da chegada das caravelas neste território e no século XIX e XX, quando este território tradicional passou por transformações de toda a ordem (geopolítica, econômica, ambiental, social, cultural), aqui incluo transformações de ordem espiritual e psicológicas, pois, desde então, sua população composta por povos originários e comunidades tradicionais (quilombolas e caiçaras) não tiveram sequer mais um minuto de paz.

Caracterizada pela sobreposição de diferentes categorias de Unidades de Conservação, diferentes leis ambientais (Lei da mata Atlântica, por exemplo) e leis culturais rígidas, pois nestes municípios existem construções tombadas pelo patrimônio cultural da humanidade, esse arcabouço legislativo visa entre outras coisas, preservar o patrimônio biológico e cultural aqui existente. Ocorre que na criação dessas leis, em especial após a década de 70, a população existente foi tolhida, no meu modo de ser e ter, pois foi com a chegada da lei que deveria existir para proteger o que aqui existia, ao mesmo tempo tolheu o modo de ser e sobreviver da população que aqui residia antes da chegada dos colonizadores.

Esta monografia foi escrita a partir de diferentes fontes: livros sugeridos pelos professores e professoras deste curso, artigos científicos publicados por uma gama de pesquisadores e pesquisadoras com ideais progressistas, contra hegemônicos e democráticos que inspiraram lutas históricas em apoio às minorias, aos desterrados, aos expropriados deste território, mas acima de tudo em apoio aos que ainda seguem resistindo para a sua manutenção neste território tradicional.

2.1 Pesquisa qualitativa

Esta pesquisa também adotou a abordagem qualitativa, sobre a abordagem qualitativa, Mascarenhas (2012) afirma que esse tipo de pesquisa possibilita um aprofundamento maior do fenômeno estudado, permitindo uma maior aproximação do pesquisador com o objeto de estudo. O estudo qualitativo se caracteriza pela coleta e análise simultânea de dados, sua abordagem descritiva voltada para a compreensão do objeto de estudo e a influência ativa do pesquisador no processo, considerada fundamental para a produção do conhecimento.

2.2 Estudo de caso

A metodologia é essencial para esclarecer as etapas e os instrumentos utilizados, e desempenha um papel de destaque na construção de um trabalho científico. Seguindo a perspectiva de Gil (2002), a cientificidade de um trabalho está relacionada ao percurso realizado para sua produção, identificando as operações mentais e técnicas que possibilitam a verificação e determinando o método que conduziu ao conhecimento adquirido.

O estudo de caso é uma ferramenta importante para a pesquisa científica por permitir uma investigação mais detalhada e profunda sobre o objeto estudado. O benefício mais significativo dos estudos de caso é que eles

permitem uma revisão mais abrangente. Ao contrário das técnicas de pesquisa isoladas, que fornecem mais informações instantâneas, por exemplo, um estudo de caso oferece a oportunidade para um pesquisador usar uma variedade de ferramentas em um assunto. Isso dá tempo e espaço para construir uma compreensão detalhada do tema, estabelecendo uma base sólida para explorar os fatores que influenciam o estudo de caso com mais detalhes.

De acordo com CRESWELL (2014) a chave aqui é definir um caso que possa ser, delimitado ou descrito dentro de determinados parâmetros como um local e momentos específicos. Em geral, os pesquisadores de estudo de caso estudam casos atuais da vida real que estão em andamento de forma que possam reunir informações precisas que não foram perdidas pelo tempo. Pode ser escolher de um único caso ou podem ser identificados múltiplos casos para que possam ser comparados.

2.3 Procedimentos

Neste trabalho foi utilizado “o diário de bordo” - uma ferramenta de pesquisa qualitativa, de cunho exploratório e descritivo, que auxiliou a autora da pesquisa no desenvolvimento de uma alfabetização científica. O saber que o exercício da pesquisa lhe trouxe respondeu a uma visão científica ampliada e é incompatível com a percepção simplificadora da ciência.

Foi também utilizado o recurso metodológico da análise documental para investigar e compreender os temas relevantes relacionados à Escola do Mar, combinando pesquisa bibliográfica com pesquisa de campo por meio de entrevistas estruturadas e não estruturadas. As entrevistas estruturadas seguiram um roteiro predefinido e padronizado de perguntas, enquanto as entrevistas não estruturadas foram conduzidas de forma mais aberta e flexível, permitindo que os participantes expressassem suas experiências e opiniões livremente.

2.4 Análise e interpretação dos dados

Nas entrevistas foi aplicada a Matriz de Organização Comunitária FOFA - Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças (VERDEJO, 2010): “Forças são fatores no interior do grupo que contribuem para o seu melhor desempenho. Fraquezas são fatores no interior do grupo que influem negativamente sobre o desempenho. Oportunidades são fatores externos que influem ou poderiam influir positivamente no desenvolvimento organizativo do grupo, porém sobre os quais o próprio grupo não exerce controle. Ameaças são fatores externos que influem negativamente sobre o desenvolvimento organizativo do grupo, porém sobre os quais o próprio grupo não tem controle.”



Foto 6: Matriz FOFA Aplicada na pesquisa

Para LUDWIG (2015) o relatório de um estudo de caso deve ser conciso e conter obrigatoriamente, a finalidade do estudo, os procedimentos empregados e as categorias escolhidas para exames dos dados, as quais devem ser diretamente relacionadas com a teoria que as integra. (LUDWIG, 2015)

2.5 O cenário do estudo

O local da pesquisa foi a comunidade de Trindade, localizada ao sul o município de Paraty – RJ. A Escola do Mar é um *território imaterial*, formatado de maneira autônoma e autoral por comunitários (as) caiçaras e apoiadores voluntários, teve seu desenvolvimento mais expressivo nos anos de 2016 a 2020, numa área de 15000 m² (quinze mil metros quadrados), está situada na praia dos Ranchos de Trindade, prescrita no Plano de Manejo, onde predomina o bioma de Mata Atlântica, área conhecida como ZUCEL – zona de uso coletivo, esporte e lazer.

De acordo com o Museu da Memória Rural (2023) “a ideia de patrimônio imaterial têm-se difundido nos últimos anos com um conteúdo cada vez mais recheado, mais amplo e mais complexo, graças a alguns instrumentos elaborados pela UNESCO, todos os saberes e/ou “saberes fazer” que testemunhem particularidades étnicas, susceptíveis de promoverem a diversidade cultural e, em conseqüência, o enriquecimento cultural da humanidade”.

Para Weid et al (p. 11, 2021) “um território é imaterial e abstrato, quando não estamos falando de um território como um espaço físico. Ele existe através dos seus atores sociais e na medida em que estes se organizam nas disputas de poder”. A Escola do Mar “já passou por um processo de territorialização e desterritorialização e atualmente é um projeto que está inativo”, ou seja, é uma experiência que não foi vivenciada pela autora dessa monografia. E citando Milton Santos (2001), esses autores ainda afirmam que o território em si não é um conceito. Ele se torna um conceito utilizável para a análise social quando o

consideramos a partir do seu uso, a partir do momento em que o pensamos juntamente com aqueles atores que deles se utilizam.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Contribuir no processo de manutenção dos valores e da cultura tradicional caiçara dando visibilidade a uma experiência autônoma de educação comunitária cunhada pelos trindadeiros (as) de “Escola do Mar” na comunidade de Trindade, Paraty – RJ.

Além disso, buscar compreender o papel da Escola do Mar como uma resposta aos conflitos territoriais e sua relevância na promoção do desenvolvimento sustentável e da identidade local.

3.2 Objetivos específicos

- Identificar os conflitos territoriais e as questões ambientais enfrentadas pela comunidade de Trindade após a criação da APA Cairuçu,
- Investigar a origem da Escola do Mar, sua proposta pedagógica inspirada no regime de alternância e sua relação com as demandas da comunidade,
- Analisar a importância da educação tradicional caiçara e seu impacto na preservação da cultura local e dos conhecimentos ancestrais,
- Identificar os desafios enfrentados pela Escola do Mar, sua atual inatividade e a necessidade de reativação das atividades essenciais para a comunidade local.

3.3 Questão Central

O problema central abordado nesta pesquisa foi como a comunidade de Trindade enfrenta os conflitos territoriais, as questões ambientais e a violência, e como a Escola do Mar surgiu como uma resposta a esses desafios, buscando preservar a cultura caiçara e promover uma educação comunitária, integradora e intercultural diferenciada e contextualizada. O problema também abarcou a atual inatividade da Escola do Mar na área ZUCEL de Trindade do projeto e a importância de reativar as atividades para atender às necessidades e aspirações da comunidade local, bem como manter vivo o seu território tradicional cada vez mais ameaçado.

4. TRINDADE: MÚLTIPLOS CONFLITOS, EDUCAÇÃO E BEM VIVER

Neste capítulo também serão resgatados os antecedentes históricos ocorridos na área ZUCEL – zona de uso coletivo, esporte e lazer, hoje denominada ZUCOL – zona de uso coletivo, e que segundo entrevista realizada “foram esses antecedentes que mobilizou a ocupação da área, a retomada do território tradicional e o Movimento em prol da Escola do Mar.

Em junho do ano de 2016, a comunidade de Trindade foi palco de um episódio violento, a trágica morte de um morador local, conhecido como "Dão", pelas mãos de dois policiais que, embora estivessem em horário de folga, eram funcionários da empresa TDT (Trindade Desenvolvimento Territorial). Na área ZUCEL de Trindade, os “trindadeiros” após saber da morte do Jaison Caique Sampaio (Dão), ocuparam a área da TDT, derrubaram as casas dos prestadores de serviços da TDT, colocaram fogo nas casas e placas pedindo: Fora TDT!

A chegada dessa empresa em Trindade nos anos 70 foi o começo de uma grande preocupação para a comunidade local, como cita (COMBATE,

2016), “vale ressaltar que, na década de 1970, a T.D.T instalou-se em Trindade com o nome de Paraty Desenvolvimento Turístico. Na época, a criação da empresa se deu a partir de uma fusão entre duas multinacionais (Brascan e Adela), constituídas por grupos de empresários com sua sede localizada em Luxemburgo. Ao instalar-se em Trindade, assumindo-se donos das terras da vila, tinham o objetivo de transformá-la em um condomínio de luxo, dando início ao violento conflito territorial com os caiçaras.

O presente capítulo também pretende levantar uma reflexão sobre a hipótese desta pesquisa, que sugere que a Escola do Mar não nasceu apenas da necessidade de preservar a cultura e os modos de vida da comunidade tradicional caiçara, mas, em essência, como uma *resposta* da própria comunidade aos conflitos que surgiram desde a abertura da rodovia Rio Santos (BR 101, passando pelo acordo em 1982, a chegada do Parque Nacional Serra da Bocaina, a morte de Jaison Caique Sampaio, a ocupação da ZUCEL e os dias atuais.

Em entrevista Cris, a coordenadora geral da escola do Mar afirmou: “*não tem como falar da escola do mar sem falar a retomada do território tradicional de Trindade. A escola do mar faz parte da retomada do território. Esse marco da morte do Dão foi muito importante para que todo esse processo acontecesse. As articulações para a construção do projeto escola do mar já estavam acontecendo antes do Dão (Jaison Santos) falecer, mas após a morte do Dão é que houve essa ocupação na área ZUCEL e aí juntou o interesse do grupo que estava formatando o projeto da escola do mar em ter um espaço físico, com o interesse da AMOT em ter a necessidade de retomada do território. Não tem como dissociar a Escola do Mar com a ocupação na ZUCEL*”.

A Área de Proteção Ambiental (APA) de Cairuçu está situada no município de Paraty, no estado do Rio de Janeiro, e abrange uma extensão territorial composta por uma área continental e 63 ilhas, totalizando 34.690,72 hectares. Esse território abriga diversas comunidades tradicionais, com destaque para as comunidades caiçaras que habitam as ilhas, e o continente,

Trindade, Sono, Ponta Negra, Cairuçu das Pedras, Martim de Sá, Juatinga, Cajaíba, Saco do Mamanguá, Ponta Grossa, entre outras.

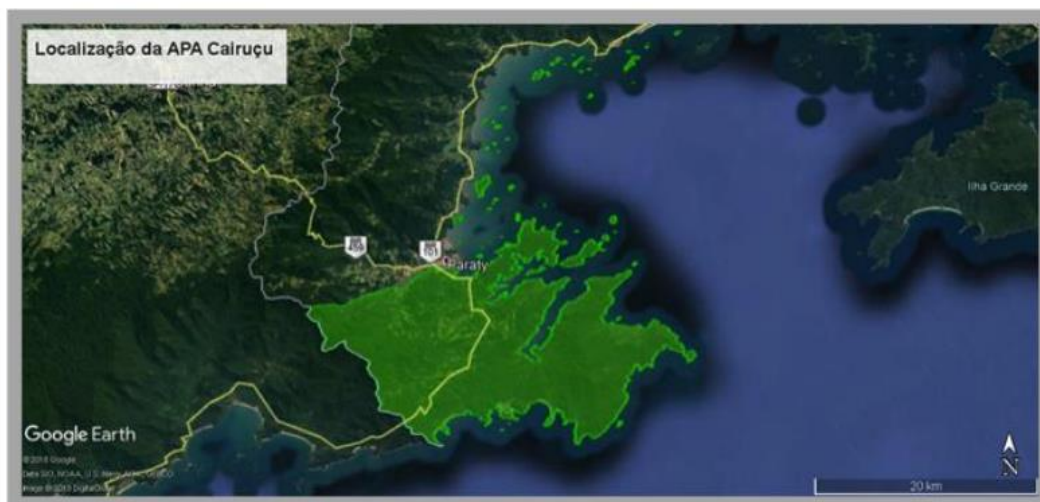


Foto 7: Imagem de satélite com a localização da APA de Cairuçu

Além disso, a região também é lar de territórios tradicionais quilombolas, como o Campinho da Independência e do Cabral, e das Terras indígenas Guarani Mbya Arapongas e Itaxi Mirim. A foto abaixo mostra a localização de uma área de aproximadamente 15000 m² (quinze mil metros quadrados), cujo zoneamento denominava-se ZUCEL - zona comunitária de esporte e lazer, essa área está situada na Praia dos Ranchos ou Praia de Fora.

A Zona de Uso Coletivo (Zucol) na Área de Proteção Ambiental de Cairuçu, conforme delineada em seu Plano de Manejo, abraça áreas de interesse coletivo em Trindade e Paraty-Mirim, primordialmente destinadas ao fomento do convívio social, cultural, educacional e esportivo tanto para a comunidade local quanto para os visitantes. Esta zona também desempenha um papel importante ao fornecer espaço para infraestruturas públicas, com uma forte ênfase em práticas sustentáveis e na preservação dos aspectos ambientais e culturais tradicionais da região.



Foto 8: Área ZUCEL – zoneamento segundo o Plano de manejo

Dentro dessa zona, a realização de instalações e atividades sociais, educacionais, esportivas, culturais e de lazer é permitida, mas somente após a obtenção de autorização do ICMBio e das organizações representativas locais, com a obrigação de implementar sistemas de gestão de resíduos sólidos e tratamento de efluentes para a proteção dos recursos hídricos.

Além disso, atividades comerciais são toleradas, desde que sejam administradas por organizações comunitárias autorizadas pelo ICMBio, buscando equilibrar a utilização coletiva com a preservação ambiental. Importante destacar que o zoneamento original, conhecido como ZUCEL (zona de uso coletivo, esporte e lazer), foi modificado para ZUCOL e isso aconteceu recentemente, com ênfase na necessidade de incluir uma estação de esgoto e um mercado de peixe com cozinha comunitária na área onde está também foi instalada a Escola do Mar.



Foto 9: Aérea da área ZUCEL da APA Cairuçu,

A história de Trindade é marcada por inúmeros conflitos em relação à posse da terra e ao acesso aos recursos naturais essenciais para sua sobrevivência. Esses desafios sempre foram enfrentados com muita luta, união, organização e resistência. De acordo com o Boletim Cartografia da Cartografia Social de Trindade (2016), com a construção da rodovia BR 101 na década de 70, surgiram grileiros e especuladores interessados nas terras ocupadas pelos caiçaras. Nesse período, a Companhia Paraty Desenvolvimento S/A (Brascan-Adela) tentou implantar um empreendimento turístico em Trindade, o que resultou na compra e expulsão violenta dos caiçaras de suas terras.

Contudo, os trindadeiros resistiram bravamente e, com o apoio de parceiros, recorreram à justiça para garantir o direito de permanência em parte de suas terras tradicionais. Esse feito foi alcançado por meio de um acordo firmado em 1982 entre a Companhia e a comunidade de Trindade, o qual passou a delimitar a ocupação territorial da região (MONTEIRO, 2017). Em seguida, surgiram conflitos com o Parque Nacional Serra da Bocaina, que começou a proibir e restringir práticas tradicionais dos caiçaras, como a roça, a pesca artesanal, a construção de ranchos e as moradias na Praia do Caixa

d'Àço e Praia do Meio. Apesar dos desafios, a comunidade continuou sua resistência e luta por seus direitos e modo de vida tradicional.

Conforme relatado por Davi Paiva (Davi Detrinda), líder do Movimento Trindade Vive, movimento que surgiu após a morte de Jaison Caique Sampaio(Dão), o crime ocorrido na manhã de 2 de junho de 2016 contra um jovem caiçara de Trindade despertou a comunidade mais uma vez para a luta por seus direitos. Jaison e seu irmão estavam na propriedade da família quando foram abordados por policiais militares que não estavam em serviço oficial.

Esses criminosos ordenaram que os "trindadeiros" deixassem a casa para que pudessem derrubá-la. Ao questionarem a ausência de um mandado judicial, os policiais agrediram o irmão da vítima e dispararam tiros em direção aos jovens. Infelizmente, duas balas atingiram Jaison, que não resistiu aos ferimentos e veio a falecer no Hospital Municipal de Paraty. Os envolvidos nesse crime eram prestadores de serviços, na empresa Trindade Desenvolvimento Territorial (TDT), e também atuavam como seguranças no Fórum de Paraty. A TDT alegou ser proprietária da área onde ocorreu o incidente.

O que começou como uma ocupação da área ZUCEL em 2016 se tornou em notável exemplo de colaboração e transformação comunitária. Com o levante do Movimento Trindade Vive e sob a gestão de Fausto Campos na AMOT – Associação de Moradores de Trindade, uma série de equipamentos foram criados no local pelos próprios moradores, moldando o espaço de maneira surpreendente.

Na Praia do Cepilho, a história também se repetiu com uma abordagem igualmente inspiradora, com a construção de uma pista de skate comunitária, também em uma área ZUCEL - zona de uso comunitário, esporte e lazer. Para Fausto Campos, a pista de skate, assim como a quadra, são mais do que concreto e metal: são símbolos da coletividade e da dedicação da comunidade. Construídas em mutirão, com recursos próprios, são exemplo vívidos de

realização independente, onde a comunidade trabalhou junto para criar algo extraordinário, sem qualquer apoio do poder público, exceto pela colaboração do ICMBIO - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, que forneceu licenças ambientais essenciais para tais instalações.

Por trás dessas ações estava um objetivo primordial: tornar realidade os sonhos de gerações de jovens caiçaras de terem esses equipamentos, ao mesmo tempo em que se reafirmava a posse da área disputada, como destacou Davi Paiva (Davi Detrinda). “A quadra e a pista de skate foram prometidas à comunidade por diversos políticos em períodos eleitorais, mas só aconteceu quando nós mesmos a construímos com as próprias mãos”, conclui.

Essas histórias de resiliência e cooperação são prova de que, quando existe união, não há desafios insuperáveis. Elas não apenas enriquecem a vida dos moradores, mas também servem como inspiração para outras comunidades. Elas nos lembram que, com determinação e unidade, é possível criar mudanças positivas e duradouras em nosso entorno. Nesse terreno onde antes era ocupado por funcionários da TDT, hoje encontramos estruturas que comprovam o empenho da comunidade nessa luta por melhorias na qualidade de vida e garantia do território. Além da Escola do Mar, um parquinho infantil, uma quadra poliesportiva e banheiros públicos são testemunhas vivas do poder de união dos “Trindadeiros”.

Esse trágico acontecimento mobilizou profundamente a comunidade de Trindade, que acordou assustada com a morte de Jaison Caique Sampaio(Dão). No mesmo dia, os moradores ocuparam as terras da TDT, resultando em uma ação destrutiva em que tudo foi incendiado e nada restou na propriedade.

Os jovens da comunidade de Trindade, após a ocupação, deixaram faixas com a mensagem "TDT ocupada". Nesse momento, a comunidade se organizou com faixas de protesto e seguiu rumo a Paraty para pedir justiça pela morte de Jaison e reivindicar o uso da terra da TDT para a comunidade caiçara de Trindade.



Foto 10: Chamamento para passeata em Paraty, morte do Jaison



Foto 11: Pai de Jaison em protesto em Paraty

Para Chauí (2017) o principal mecanismo ideológico para afirmar, mas ao mesmo tempo ofuscar a violência como constitutiva da sociedade brasileira, é alojá-la no campo da criminalidade. A ação policial é chamada de chacina quando muitas pessoas morrem sem motivos aparentes, mas o massacre diário da polícia contra os pobres é considerado normal, justificando-se como uma forma de proteção do "nós" contra o "eles".

A autora argumenta que a violência não é percebida onde ela se origina como algo que reduz um indivíduo à condição de coisa e viola o ser de alguém. As profundas desigualdades em diversos campos não são vistas como violência pela sociedade brasileira, que é cega em relação ao lugar efetivo da produção da violência: a estrutura da sociedade.

Para o autor Sandes (2013) toda ação policial, mesmo que considerada fruto do acaso, possui certa previsão, pois o policial, ao se deparar com uma ocorrência crítica ou não, sabe que algo pior poderá ocorrer, com risco de morte ou ferimento para si mesmo, colegas, vítimas e agressores, entre outros presentes no local. Trindade é reconhecida na cidade de Paraty como um verdadeiro exemplo de vanguarda na luta pelos direitos das comunidades tradicionais. A luta pelo direito a terra em diversos momentos históricos sempre mobilizou trindadeiro, tornando-os conhecidos por serem um povo guerreiro e engajado. Os mais antigos contam histórias de que os moradores de Trindade foram os pioneiros na história de Paraty a se levantarem em protesto pelas ruas da cidade de Paraty.

Trindade é um exemplo vivo de como a união e a resistência podem transformar uma comunidade e influenciar positivamente o seu entorno. Sua história de lutas e conquistas é uma inspiração para todos aqueles que buscam promover mudanças significativas em suas realidades locais. A comunidade de Trindade é um verdadeiro símbolo de perseverança, sua trajetória de luta pelo território tradicional inspira outras comunidade e desperta em muitos a consciência sobre a importância da participação ativa na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Não é por um drogado.
É por um guerreiro.
A minha estrutura era ele.
E eles conseguiram tirar.
Mas eu creio num Deus que tudo pode.
E eu quero que justiça seja feita.

Help, mãe do Jaison Santos (Dão)

A gente não vai mais permitir
a TDT lá embaixo.
O território é nosso!

Faustinho Campos, Liderança de Trindade

Um ano após a morte do Dão, em 2017, realizou-se uma Audiência Pública em Paraty sobre Trindade reunindo centenas de pessoas e o prefeito de Paraty promete a desapropriação da área ZUCCEL. Diversas ações pedindo justiça foram promovidas pelo Movimento Trindade Vive, criado e coordenado pelo ativista Davi Paiva (Davi Detrinda), filho de Trindadeiro, após a morte de Jaison Caique Sampaio.

Enquanto acontecia uma movimentação de apoio à família de Jaison (Dão), na área ZUCCEL jovens e mulheres se uniram em um mutirão de limpeza após ocupação da área. E assim nasceu em Trindade a “Praça Jaison”, também conhecida como “Espaço Dão”. Segundo Davi Paiva, Davi de Trindade em entrevista afirmou:

Mesmo com fotos, vídeos e diversas reportagens da época, algumas pessoas duvidam da violência sofrida pelos Trindadeiros durante os mais de quarenta anos de luta pela permanência no território tradicional. Uma antiga arma de Jagunço foi encontrada nos destroços de uma casa da 'Companhia' destruída após a morte do jovem Jaison. Arma essa que provavelmente nas mãos dos capangas da T.D.T. coagiram muitos da comunidade para que abandonassem suas terras.

Essa área apesar de ser uma área particular, da empresa TDT, no zoneamento da APA do Cairuçu, está destinada para atividades culturais, esportivas e de lazer, conforme está estabelecido no Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental do Cairuçu e na Lei Municipal nº 1.828/2011, promulgada pela Câmara Municipal de Paraty.



Foto 12: O luto pela morte do Dão e a retomada do território

O local foi batizado de Praça Jaison Caique Sampaio, isso foi uma demonstração da força e engajamento da comunidade, que se mobilizou para cuidar e preservar esse território coletivo e importante para a realização de atividades culturais e esportivas em Trindade. Uma grande união para a retomada do território, para trabalhar em conjunto, fortalecendo laços e colaborando para manter esse local como um ponto de encontro e convívio para a comunidade de Trindade.

Através de um mutirão, os trindadeiros (as) puderam reforçar a sua identidade como um povo guerreiro e comprometido com a proteção e valorização de seus espaços coletivos, contribuindo para a construção de uma

comunidade mais unida, inclusiva e consciente de sua importância no contexto da cidade de Paraty.

Não estamos lutando por algo utópico, apenas queremos fazer valer o Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental do Cairucu e a Lei Municipal 1.828/2011 que consolida as áreas designadas como Zona de Uso Comunitário Esportiva, Educacional, Cultural e de Lazer com o objetivo de promover o desenvolvimento social da comunidade de Trindade. Davi Paiva (junho de 2016)

Após a ocupação da área da ZUCEL, que ocorreu em 2016, do levante do Movimento Trindade Vive e na gestão de Fausto Campos na AMOT – Associação de Moradores de Trindade se construiu no espaço diversos equipamentos: (01) um playground, (01) uma quadra poliesportiva, (01) um banheiro público e a Escola do Mar. Assim como foi construído na Praia do Cepilho também área ZUCEL – zona de uso comunitário, esporte e lazer, do ICMBIO - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, (01) uma pista de skate e (01) um banheiro público. Segundo Fausto Campos, “essa pista construída de forma coletiva, com recursos coletivos, foi construída sem apoio do poder público. Foi feito pela comunidade e para ela”.

Esses equipamentos tiveram a colaboração do ICMBIO através de licenças ambientais para essas instalações. Com o principal objetivo de, além de realizar o sonho da juventude em ter esses equipamentos disponíveis na comunidade (promessa não realizada por vários prefeitos) e garantir a posse do território em disputa - segundo Davi Paiva (Davi Detrinda). Prova de que quando existe união, não há obstáculos, para os Trindadeiros (as).

5. EDUCAÇÃO EM TERRITÓRIO TRADICIONAL E MEIO AMBIENTE

A educação é uma dimensão essencial em qualquer sociedade, sendo constitutiva do ser social e da vida em comunidade. Através dela, o conhecimento, a cultura, os valores, as técnicas e as práticas são transmitidos, reproduzidos e transformados ao longo do tempo. Compreender o mundo, interpretá-lo e estabelecer códigos linguísticos são processos que se desenvolvem no âmbito social (DIAS Sobrinho, 2008).

No contexto da história de humanização do homem, a educação estava intrinsecamente ligada ao trabalho e à apropriação coletiva dos meios de produção. Os homens aprendiam a produzir sua existência no próprio ato de produzi-la, relacionando-se com a natureza e uns com os outros. Dessa forma, o trabalho era a modalidade principal de educação, sendo fundamental para a sobrevivência e o desenvolvimento dos povos (DIAS; SOBRINHO, 2008).

Os povos caiçaras, que até a algumas décadas tinham pouco contato com a sociedade dominante, se educam em comunidade por meio da realização de seus trabalhos e práticas tradicionais. As crianças participam ativamente das atividades diárias, brincando e auxiliando nas tarefas cotidianas, como manusear redes de pesca e separar peixes. Nesse processo, elas aprendem sobre a cultura caiçara, a dinâmica do mar e da mata, adquirindo conhecimentos práticos e habilidades específicas, como pesca, caça, roça, construção de canoas e cestaria (MENDONÇA; MORAES; CATARCIONE, 2016).

Essa forma de educação é enraizada no convívio com a natureza e o ambiente, permitindo que os caiçaras desenvolvam um profundo conhecimento sobre o meio em que vivem. A integração das crianças nas atividades cotidianas e a transmissão de saberes entre gerações contribuem para a continuidade e preservação da cultura caiçara.

As populações caiçaras em Paraty encontram-se em situação de injustiça ambiental, pois seus territórios tradicionais são alvo de disputas e pressões externas. A luta pelo território vai além da questão ambiental, englobando a busca por justiça social e garantia de direitos. A exclusão dos caiçaras do acesso à terra e aos recursos naturais é uma forma de injustiça ambiental que reflete a desigual distribuição dos benefícios e custos ambientais do desenvolvimento econômico capitalista (SOUZA, 2014).

Em contraponto, a noção de justiça ambiental surge como uma busca pela superação dessa dinâmica de injustiça social e ambiental. Trata-se do tratamento justo e envolvimento pleno dos grupos sociais nas decisões sobre o acesso e uso dos recursos ambientais em seus territórios. A luta pela justiça ambiental incorpora a questão ambiental em um debate mais amplo de crítica ao modelo dominante de desenvolvimento, reunindo entidades ambientalistas e movimentos populares em busca de alternativas.

Assim, a luta dos caiçaras pelo território tradicional também envolve a luta por direitos sociais e políticas públicas que atendam às suas necessidades específicas. A garantia do acesso à educação escolar é um dos postos-chave nesse processo, pois a escola pode ser uma ferramenta para preservar a cultura caiçara e fortalecer a identidade dessas comunidades. A busca pela justiça ambiental representa um caminho para a valorização dos saberes tradicionais e para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa para todos (DOS SANTOS; DE FREITAS GAMA, 2005).

O isolamento geográfico e a limitada conectividade com o mundo exterior frequentemente levavam essas comunidades a dependerem fortemente dos recursos naturais disponíveis em seu entorno para a subsistência. Esse estilo de vida impulsionava a necessidade de adquirir um profundo entendimento do meio ambiente, dos ciclos sazonais, dos padrões climáticos, das espécies de plantas e animais locais, bem como das melhores formas de utilizar esses recursos de maneira sustentável.

A relação íntima com a natureza e a dependência dos recursos naturais muitas vezes resultavam em práticas de manejo cuidadosas e conhecimentos transmitidos de geração em geração. Por exemplo, os caiçaras podiam desenvolver técnicas de pesca específicas para as condições marítimas locais, métodos de agricultura adaptados ao terreno montanhoso e estratégias de conservação dos recursos naturais para garantir a disponibilidade contínua de alimentos e materiais.

Além disso, a limitada exposição à vida urbana e às influências externas permitia que essas comunidades preservassem tradições culturais e modos de vida únicos, muitas vezes enraizados em uma profunda conexão espiritual com a terra e o mar.

Portanto, é correto afirmar que o isolamento geográfico das pequenas populações caiçaras contribuía para o desenvolvimento de conhecimentos especializados sobre o ambiente, técnicas de subsistência adaptadas e uma cultura única, moldada pelas condições locais e pela relação profunda com a natureza.

As pequenas populações caiçaras que possuíam maior dificuldade de comunicação com o mundo exterior, tanto por terra quanto pelo mar – já que estavam cercados pelo oceano e pela grande muralha da serra Atlântica –, tiveram assegurado certo grau de isolamento, o que favoreceu o desenvolvimento de comunidades com características muito específicas, uma vez que o distanciamento relativo de contato com a vida urbana, aliada à necessidade da sobrevivência e dependência da natureza fez com que estes povos pudessem desenvolver e aprofundar diversos conhecimentos sobre o meio ambiente onde estavam inseridos e aperfeiçoassem técnicas para seu manejo, (FARO et al., 2021, p. 44)

De acordo com Diegues (1996, p. 13), a falta de políticas adequadas para os povos tradicionais tem sido uma estratégia para enfraquecê-los, dificultando a conquista de direitos e perpetuando a dominação sobre eles,

podendo ser considerada como uma estratégia para "vencer as populações tradicionais pelo cansaço e pela desesperança".

Nesse contexto, Paixão (2004) enfatiza que a regularização dos territórios tradicionais articula, além da questão étnica e o próprio problema ambiental, o tema agrário, educacional e da saúde. Não se trata apenas de garantir a regularização da posse da terra, mas também de favorecer a melhoria da qualidade de vida dessas populações.

Loureiro (2015) destaca que muitos caiçaras que escolhem sair para estudar, seja definitivamente ou temporariamente, perdem a possibilidade de reivindicarem por seus territórios, enfraquecendo a luta dos povos tradicionais e fortalecendo a lógica dominante.

Os caiçaras enfrentam uma difícil escolha entre se mudar para outras localidades com escolas, abandonando seus territórios e práticas tradicionais, ou permanecerem em suas comunidades de pertencimento sem acesso à escolarização. Além disso, ao saírem de seus lugares em busca de educação, perdem a possibilidade de reivindicarem por seus territórios, enfraquecendo a luta dos povos tradicionais.

Além de ocupar a terra, é fundamental ocupar a escola, pois esta tem negado a história, a cultura e os saberes construídos pelas comunidades, desvalorizando suas vivências e conhecimentos (Schwendler, 2001, p. 379).

Uma educação comprometida com as lutas sociais desses povos não é apenas um direito social respaldado por diversas legislações, mas também é uma questão de justiça ambiental, uma vez que a falta do oferecimento da educação escolar completa em seus territórios mantém os caiçaras em relações de subordinação e dominação, além de ser um fator importante de expulsão dos caiçaras de seus territórios.

O acesso à educação escolar é essencial para garantir o acesso aos recursos naturais e a proteção ambiental, assim como para possibilitar o acesso a conhecimentos historicamente produzidos. Os processos educativos

devem abordar as disputas e diferentes sentidos que o território e o meio ambiente adquirem nos projetos de sociedade, questionando o modelo hegemônico que trata os territórios e as pessoas como mercadorias sujeitas à expropriação e privatização (Schwendler, 2001, p. 379).

Nesse sentido, uma educação comprometida com a transformação dessa realidade permitirá aos caiçaras decidir sobre os processos de ordenamento e gestão ambiental em seus territórios, fortalecendo sua luta pelo território tradicional e contribuindo para sua resistência e bem-estar (Schwendler, 2001, p. 379).

Abaixo a foto da reunião ampliada sobre educação diferenciada em Trindade:



Foto 13 : Reunião do FCT sobre educação diferenciada em Trindade

Segundo o FCT “a importância estratégica da educação escolar diferenciada fica evidente para o Fórum de Comunidades Tradicionais (FCT) na medida em que se “reconhecem duas grandes exclusões que ameaçam profundamente a sobrevivência dos modos tradicionais de vida dessas comunidades”.

“Uma primeira exclusão, mais urgente, é a simples impossibilidade de acesso à educação escolar, vivenciada por muitas comunidades que não têm acesso nem mesmo ao ensino fundamental completo (1º ao 9º ano). Uma segunda exclusão, mais profunda, é a negação dos saberes e valores tradicionais pelo modelo político-pedagógico das escolas acessíveis a algumas dessas comunidades. Dessa forma, atuam no sentido de buscar a ampliação do acesso à educação escolar nos territórios tradicionais e também da implantação de uma política de educação que considere as circunstâncias específicas destes territórios e se baseie em princípios político-pedagógicos que gerem autonomia para alunos, docentes e comunidade”

“A Educação Diferenciada respeita e valoriza a cultura e os saberes do território, está conectada com a realidade local e global e promove autonomia buscando qualidade de vida de forma sustentável. O trabalho realizado pelo OTSS através do “Programa de Formação para Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina: Comunidades Autônomas e Saberes Livres (CASA Livre)” têm uma metodologia de pesquisa-ação orientada por princípios formativos relacionados à ecologia de saberes (SANTOS, 2007) e à pedagogia da autonomia (FREIRE, 1996) e atua com a educação diferenciada em diferentes “frentes”: educação escolar diferenciada, educação popular e formações acadêmica”, <https://www.otss.org.br/educacao-diferenciada>, consultado em outubro de 2023.

Outra contribuição importante para o debate sobre educação é a de Faro et al. (2021), destacando a lacuna de conhecimento sobre a formação do grupo caiçara e como isso contribui para a desconexão com suas raízes históricas. Contrariamente à ideia de uma identidade natural que emana do grupo, a identidade é ativamente construída a partir das relações sociais e culturais entre grupos que possuem diferentes posições de poder. As identidades não coexistem harmoniosamente; elas estão em constante tensão, moldando hierarquias que excluem determinados grupos enquanto valorizam outros.

Em entrevista Davi Paiva, Davi de Trinda afirma: *“A escola do mar, nós podemos chamar de movimento escola do mar, porque esta experiência não foi apenas um projeto de educação diferenciada ou comunitária, onde se almejou a transmissão de saberes tradicionais. O projeto escola do mar veio como as outras coisas vieram ali no espaço da ZUCEL, a quadra, por exemplo, para ocupar o espaço que foi roubado da comunidade, dos trindadeiros na década de 70, através do acordo. Foi feito um acordo em cima daquilo que era nosso! Então eu acho que a disputa, a ocupação é central neste projeto da escola do mar. Essa é a minha opinião. A escola do mar foi um projeto de retomada de território tradicional e luta dos trindadeiros contra a pressão da especulação imobiliária em Trindade”*.

Faro et al. (2021) argumenta que as identidades são disputadas continuamente, sendo forjadas ou contestadas para legitimar ou deslegitimar relações de poder. A produção da identidade é um processo em constante mudança, oscilando entre forças que buscam estabilizá-la e aquelas que a desafiam. Embora seja uma construção simbólica e subjetiva, a identidade está intrinsecamente ligada à sua base material e aos referenciais objetivos. Em suma, o estudo de Faro et al. (2021) explora a complexidade das identidades caiçaras, vinculando-as a relações de poder, territorialidade e construção simbólica.

Outro aspecto a ser considerado quando se pensa uma iniciativa com a Escola do Mar, protagonizada por caiçaras, é o debate sobre a exploração de

petróleo na região de Paraty e Ubatuba, como citado no *podcast* do Projeto Redes (OTSS, 2022).

O território tradicional caiçara do litoral sul do Rio de Janeiro e norte de São Paulo, sudeste do Brasil, está localizado em frente a exploração do pré-sal que enfrenta um dos principais desafios da atualidade. A exploração do pré-sal na região suscita diversas questões socioeconômicas e ambientais que afetam diretamente as comunidades tradicionais. As principais preocupações referem-se aos impactos ambientais, incluindo a possibilidade de derramamentos de petróleo que poderia afetar a biodiversidade marinha, a pesca artesanal e as atividades econômicas que dependem dos recursos naturais.

Ademais, a exploração do pré-sal pode ocasionar mudanças no contexto social e cultural dessas comunidades. A chegada de empresas e trabalhadores para a implementação de projetos de exploração pode acarretar alterações na dinâmica local, como o aumento da especulação imobiliária, a demanda por infra estrutura, além do possível risco de perda ou deslocamento de territórios ocupados pelas comunidades tradicionais há gerações.

Esses desafios são objeto de debates e mobilizações por parte das comunidades tradicionais, que buscam preservar seus modos de vida, sua cultura e proteger o meio ambiente em que vivem. É crucial uma abordagem cuidadosa e participativa, envolvendo as comunidades afetadas, órgãos governamentais e a indústria, a fim de encontrar soluções que conciliem a exploração dos recursos naturais com a sustentabilidade ambiental e social da região. A proteção dos direitos e a garantia da participação efetiva das comunidades tradicionais no processo de tomada de decisões são elementos essenciais para enfrentar os desafios impostos pela exploração do pré-sal no território tradicional.

Trindade possui lideranças que atuam no projeto Redes do Observatório Sustentável e Saudável da Bocaina que se capacitam permanentemente para atuar no território tradicional. A Escola do Mar soma se a este projeto uma vez que nasceu da comunidade, foi uma iniciativa autoral e isso a torna mais

preparada para discussões como essa que envolve um tema tão abstrato, como o tema do pré sal. Ao ponto de buscarem inclusive respostas coletivas para dilemas que acometem as comunidades que podem ser afetadas por grandes empreendimentos como esse do pré sal.

6. EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA: A ESCOLA DO MAR DE TRINDADE

Escola do Mar, uma iniciativa inspiradora que teve início em 2016, quando um grupo de mães e pescadores locais compartilhava o desejo de transmitir os valores e saberes caiçaras às gerações jovens, garantindo assim a preservação dessa rica herança cultural.

A oportunidade se apresentou primeiramente através de um programa governamental “Mais Educação” que promovia atividades complementares aos alunos do primeiro segmento. Esse contexto permitiu que as mães através da Associação de Pais e Mestres da Escola Municipal Saulo Alves da Silva, organizassem oficinas tradicionais, como a construção de canoas, redes de pesca, remo, entre outras. A direção da escola reconheceu a importância desse empreendimento e apoiou a integração das práticas caiçaras com saberes científicos.

Desse encontro de mães, professores e pescadores nasceu a Escola do Mar. O grupo cresceu e passou a debater formas de imergir ainda mais a cultura caiçara na educação local. A sensibilização em relação a essa causa culminou na edificação de um espaço próprio: uma casa de pau a pique, onde as práticas culturais poderiam ocorrer. A comunidade uniu esforços, trabalhando em colaboração para obter madeira da mata, com autorização do ICMBIO. A construção se transformou em um processo educativo, envolvendo crianças em todas as fases do trabalho.

Em entrevista foi perguntado para o Seu Vitor, mestre canoero: Você e Robson desejam que o menino entre no mato e saiba colher a madeira certa para fazer a canoa? Esse foi o desejo quando sugeriram a criação da Escola

do Mar? Ele disse: *“Na escola eles não sabem o nome da madeira! As madeiras que eu sei o nome, as professoras não sabem. As madeiras que serve para canoa, que serve para remo. Que serve para fazer gamela. Seja o que for. A gente queria que a escola fosse para ensinar isso. Que as crianças aprendessem o que é a cultura caiçara”*.

A Escola do Mar foi palco de diversas atividades e eventos, incluindo o Festejo Caiçara, que celebrava a continuidade da presença caiçara em Trindade. O Festejo Caiçara de Trindade é uma celebração que acontece em memória e referente a assinatura ao acordo feito nos anos 80 entre a Trindade e a empresa TDT, esse festejo celebra a retomada do território.

Em 2018, uma visita do grupo de comunitários a uma escola agrícola que atua em regime de alternância inspirou a proposta pedagógica da Escola do Mar. Mas a aspiração de estabelecer uma escola comunitária formal foi afetada pela burocracia que é fundar uma escola. O que resultou na decisão de continuar com atividades educacionais onde o foco seria o modo de vida tradicional caiçara, mas apenas complementar as atividades que já vinham ocorrendo na escola municipal Saulo Alves da Silva.



Foto 14: Oficina de chocolate com cacau abundante

A mudança na direção da escola municipal Saulo Alves da Silva em 2019 influenciou o interesse contínuo nas ações. Assim como a Escola do Mar passa a integrar um Coletivo de Educação Diferenciada de Paraty, que atua na luta pela educação diferenciada em territórios tradicionais caiçaras, quilombolas e indígenas. Apoiados por esse Coletivo e com o apoio da Secretaria Municipal de Educação de Paraty o grupo de comunitários conseguiu a implementação do segundo segmento diferenciado em Trindade no ano de 2020 - uma realização almejada pelas mães da comunidade.

Desse modo o grupo de comunitários seguiu num notável esforço reflexivo e conjunto para preservar e transmitir a cultura caiçara, destacando a importância de entrelaçar tradição e educação de maneira holística.

Quando perguntado a Robson, em entrevista, O que deveria ser ensinado na Escola do Mar? Ele respondeu: *“Deveria ser ensinado a educação da cultura tradicional caiçara, junto com a educação do que o MEC exige. Mas que os filhos dos caiçaras tivessem direito de aprender sobre a sua cultura. Usando como base da educação os saberes tradicionais. Ensinar os saberes tradicionais com certeza e que as coisas não tivessem tão desvinculadas da realidade da comunidade. A gente ia abordar como funciona a vida na comunidade tradicional. Como é feito uma prática tradicional. Porque a gente precisa entender como é a vida do pescador para a gente proteger o meio ambiente, por exemplo. Saber que o bicho tem um tempo de reprodução. Que esses bichos fazem parte de um círculo de vida e morte. Onde nós estamos incluídos dentro. Que um depende do outro. E as pessoas estão desconectadas. Mesmos os tradicionais! Conectar as pessoas é leva las a ficar sensíveis a natureza. É aprender que você precisa proteger. Para que você protege? Porque você faz parte daquele círculo. A gente precisa falar sobre temas delicados. Porque quem perde é o todo. E a gente é visto como criminosos ambientais em alguns assuntos. Excluir o ser humano da natureza, do ciclo natural da vida. A gente está vendo os “lugares intocáveis” sendo protegidos, mas fazendo que as pessoas fiquem longe dele. E daí dá um desequilíbrio. Muitos conhecimentos estão sumindo. Somos descendentes de homens que a vida deles era a caça, a base de sua alimentação. Um depende*

do outro. As casas de Trindade eram de sapê. Mas o sapê esta instinto daqui. Não pode isso, daí outras espécie somem. Assim também o pesquisador para entender como vivemos, ele tem que entrar dentro da “canoa”, ele não pode ver de fora. Tem que vivenciar, entra no mundo e ver as coisas no seu lugar. Sentir as coisas, ouvir cada sapinho que está ali, ver o ecossistema como um todo. Está cheio de coisas escritas que não tem nada ver”.

Em Paraty, essa mudança é evidenciada pelo fato de que os caiçaras, juntamente com os quilombolas e indígenas, estão assumindo cada vez mais o papel principal na sua própria história. Esse protagonismo tem sido progressivamente fortalecido, especialmente após a implementação da educação diferenciada em várias escolas nas escolas da costeira da rede pública municipal.

Além disso, as comunidades tradicionais têm se destacado em todas as frentes de atuação do Fórum de Comunidades Tradicionais, reafirmando a importância da luta pelos direitos territoriais desses grupos e, ao mesmo tempo, pela afirmação da memória de suas raízes ancestrais.



Foto 15: Luta pela educação diferenciada em Paraty

Quando o grupo de comunitários de Trindade se apropriou da ideia defendida pelo Coletivo de Educação Diferenciada de Paraty, passou a somar seus esforços em prol de levar para Trindade uma educação de qualidade, mas desejava antes de tudo que na comunidade houvesse o segundo segmento (6º a 9º ano).

Importante destacar que a inserção das práticas caiçaras como temas de aulas que proporcionavam uma educação mais significativa para as crianças, conectando o conhecimento acadêmico com as tradições locais aconteceu a partir dos comunitários. A matemática, a geografia e até mesmo a língua portuguesa ganhar um sentido mais profundo quando aplicadas em atividades práticas relacionadas à cultura caiçara não partiu do Coletivo, mas dos comunitários já em 2016 e 2017.

Nesse contexto, evidencia-se um aspecto robusto: a abordagem comunitária proposta pelo grupo de Trindade desempenhou o papel de preservar a tradição desde a origem da iniciativa. Através do ensino, incluindo tópicos como a construção das canoas de madeira, técnicas de pesca e a interação sustentável com a floresta, emerge um elo entre disciplinas como Geografia e Matemática.

Enquanto a emoção pode desvanecer com o tempo, a educação se revela como um alicerce sólido para manter as raízes culturais vivas, especialmente em face das transformações trazidas pelo turismo e mudanças no cotidiano das comunidades tradicionais, assim como cita o entrevistado Robson: *“Esse é um ponto forte! E outro que vem junto, mais forte ou igual, é um jeito de você manter a tradição viva! Porque na educação diferenciada você fala sobre a canoa. A canoa de madeira, a época da madeira, a época do feitiço da canoa da madeira. Então você tem Geografia, Matemática, tem todas as matérias. Sem contar as técnicas de pescaria! Como que é a época de cada peixe. A malha para cada peixe. Uma ciência sobre a tradição, sobre os usos sustentáveis, inclusive, da floresta. Que ele pode ser esquecido a medida que você não usufrui mais da tradição. Em vista das mudanças no dia a dia de uma comunidade tradicional. Que tem uma visita enorme de turista! Que as*

peessoas migraram fortemente para essa atividade que é mais rentável. Você tem que manter a atividade tradicional na Educação como ela é feita agora, ou só na emoção. A emoção sustenta uma parte, mas as pessoas aos poucos vão esquecendo, Vão deixando de lado e vai passando a viver, só da emoção do dinheiro. Agora na Educação não. A Educação é uma ferramenta muito forte para você manter a tradição. Educação diferenciada, turismo de base comunitária”.

Segundo Cris Reis, coordenadora geral da Escola do Mar, “a ambição de empreender uma escola comunitária formal para a implantação do segundo segmento de ensino acabou se tornando uma das maiores fraquezas da iniciativa comunitária. Talvez, naquele momento, fosse mais viável seguir no caminho que funcionou nos primeiros anos, que foi levar as práticas caiçaras para dentro da escola municipal Saulo Alves da Silva, como o apoio total da direção da escola. Bem como no formato de realizar ações extracurriculares e de contra turno à escola. Formato que foi escrito pelo grupo e apresentado em 2020 para a SM de Educação de Paraty, aprovado pela secretária Sra. Gabriela Gibrail, mas que não se realizou devido a pandemia Covid 19.

A maior ameaça enfrentada pela Escola do Mar, de acordo com Cris Reis, e que motivou essa iniciativa comunitária: *“a possibilidade de que os conhecimentos tradicionais se percam com o tempo, principalmente porque muitos dos mestres e artesãos estão envelhecendo e poucos jovens estão se interessando em aprender essas práticas. A arte de fazer canoas, o cultivo agrícola e a produção artesanal podem estar em risco de desaparecer se não houver um esforço conjunto para incentivar e envolver as novas gerações nesse patrimônio cultural”.*

Para enfrentar esse desafio, é fundamental fortalecer o engajamento comunitário e ampliar as parcerias locais. A Escola do Mar deve buscar envolver as famílias da comunidade de Trindade de forma mais intensa, conscientizando-as sobre a importância de preservar e valorizar suas tradições culturais. Além disso, a parceria com entidades como a Associação de Moradores de Trindade (AMOT) e a Associação de Barqueiros e Pescadores

Tradicional de Trindade (ABAT) pode ser fortalecida para obter apoio financeiro e recursos necessários para a continuidade das ações da Escola do Mar

É essencial também criar estratégias para incentivar os jovens a se interessarem pelos saberes tradicionais da cultura caiçara. Oficinas, cursos e eventos culturais podem ser realizados para despertar o interesse e promover a transmissão desses conhecimentos para as novas gerações. Além disso, a Escola do Mar pode estabelecer parcerias com outras instituições de ensino ou programas educacionais para troca de experiências e compartilhamento de boas práticas.

A Escola do Mar em Trindade enfrenta desafios importantes na preservação da cultura caiçara e na promoção de uma educação sustentável. Ainda que esteja inativa no seu local de origem, (por que segundo Robson, ações educativas acontecem na Praia do Meio) é crucial que a comunidade e as instituições envolvidas mantenham viva a chama do resgate cultural e da valorização dos saberes tradicionais.

Com o engajamento da comunidade, parcerias sólidas e estratégias eficazes, a Escola do Mar pode superar seus desafios e seguir sendo um exemplo inspirador de como a educação pode transformar vidas e fortalecer identidades culturais.



Foto 16: Encontro de ciranda e fandango na Escola do Mar

A Escola do Mar de Trindade como projeto educacional tem como base a nobre missão: resgatar e compartilhar os conhecimentos e saberes tradicionais da cultura caiçara, enriquecendo a educação das crianças da comunidade local.

Ao longo de suas atividades, a parceria com a Associação de Moradores de Trindade (AMOT) permitiu que a Escola do Mar desenvolvesse ações junto à Escola Municipal de Trindade Saulo Alves da Silva, oferecendo aulas de Arte, Música e Recreação por meio do Projeto AMOT Amiga da Escola, fortalecendo a educação formal do município.

6.1 Cronologia da Escola do Mar segundo Cris Reis (2020):



FOTO 1. Primeira atividade com canoa com as crianças da Escola Municipal de Trindade. **FOTO 2 e 3.** Membros da ABAT fazendo uma prática de rede de pesca com as crianças.



FOTO 4. Seu Victor, mestre canoeiro esculpindo uma canoa com as crianças. **FOTO 5 e 6.** Passeio de barco com apoio da ABAT para conhecer a Toca dos Ossos onde se passa a Lenda do Tesouro de Trindade.



FOTO 7 a 10. Construção da Escola do Mar em mutirão, comunidade toda envolvida: crianças participando de todo o processo fazendo barreado como prática de aprendizado.



FOTO 11. Apresentação da Aula de música Projeto AMOT Amiga da Escola. **FOTO 12.** Aulas de Artes Projeto AMOT Amiga da Escola. **FOTO 13.** Aula de Culinária com a pré-escola na Escola do Mar: bolinho de banana no fogão a lenha. **FOTO 14.** Linha mestra da Escola do Mar: o conhecimento passado de geração em geração.



2018

FOTO 15 e 16. Puxada de canoa com as crianças da Escola: participando de todo o processo de feitura da canoa. **FOTO 17.** Manoel da Almada dando aula do feitura de canoa. **FOTO 18.** Renato de Ubatuba, mestre canoieiro fazendo prática do corte da canoa.



2018

FOTO 19 e 20. Implantação da Horta comunitária de ervas e hortaliças na Escola do Mar. **FOTO 21.** Ciranda com as crianças no Festejo Caiçara de Trindade. **FOTO 22.** Escola do Mar de Trindade.



2019

FOTO 23, 24 e 25. Aulas de recreação Projeto AMOT Amiga da Escola: aula na quadra de Trindade, aula no Campo de Futebol de Trindade e Aula na Praia de Fora de Trindade, respectivamente.



2019

FOTO 26 e 27. Farinhada na Escola do Mar com as crianças da Escola Municipal de Trindade. **FOTO 28.** Roda de Conversa na Escola do Mar recebendo o Projeto Cobra Canoa. **FOTO 29.** Fandangueiros, Cirandeiros e Folia de Reis da Trindade tocando juntos na Escola do Mar.



2019

FOTO 30. Aula de crochê na Escola do Mar. FOTO 31, 32 e 33. Plantio de mudas de espécies para fazer canoa na Escola do Mar.



2019

FOTO 34 e 35. Ensaio e saída das crianças cantando Folia de Reis no Festejo Caiçara de 2019. FOTO 36. Corrida de canoa no Festejo Caiçara.

Na Escola do Mar o conhecimento é transmitido oralmente, seguindo a tradição secular. As crianças têm a oportunidade de acompanhar e aprender práticas como a construção de canoas e redes de pesca, conectando-se com suas raízes culturais e valorizando esse rico território imaterial, como citado pelo entrevistado Seu Vitor: *“Eles estavam aprendendo sobre a cultura caiçara. A cultura de antigamente. A escola abraçou a ideia. Eles adoravam. O pessoal ia lá e fazia palestra com eles, eles adoravam mesmo. Então deu certo, já existe um modelo, e tomara que ela se mantenha assim, para o resto da vida! Que eu não esteja mais nesse planeta e ela se mantenha. Quem é mais novo que mantenham. Os mais novos de Trindade, o Jeremias, Tabaco, Robson, Val, etc. Porque foi pensado por caiçara. Que muitas praias caiçaras... que não tem isso aí! Acho que na praia do Sono não tem isso aí. Né? Não é pouca coisa. Aqui tem graças a Deus. Eu adorava fazer canoa ali na casa de farinha. Ali iam muitos turistas ali para me verem fazer canoa”*.

A Escola do Mar, por meio de sua abordagem pedagógica, obteve resultados significativos na formação das crianças de Trindade, contribuindo para a construção de uma educação mais contextualizada e voltada para as demandas locais.

A Escola do Mar serviu como um exemplo inspirador de como a educação pode ser uma poderosa ferramenta para a conscientização, transformação e valorização das comunidades e seu patrimônio natural e cultural. É preciso lembrar e reconhecer a importância de iniciativas como essa, buscando formas de viabilizá-las e dar continuidade aos seus propósitos.

Conforme enfatizado por Robson, *“esse ponto se destaca como uma das principais fortalezas da abordagem da Escola do Mar. A compreensão de que o conhecimento científico e as tradições ancestrais podem dialogar de maneira significativa representa uma conquista notável. Além desse aspecto, outra característica de igual relevância é a ativa preservação das tradições culturais. Dentro do contexto da educação diferenciada.*

Robson Possidônio ressalta a riqueza de ensinamentos derivados das próprias tradições locais, como a arte da construção de canoas de madeira e a aplicação de técnicas de pesca sustentável. *“Essa abordagem abrangente não somente incorpora disciplinas como Geografia e Matemática, mas também reforça o vínculo essencial entre as comunidades tradicionais e suas raízes culturais profundas. A relevância desse enfoque se amplifica diante das rápidas transformações vivenciadas pelas comunidades, marcadas pela crescente influência do turismo e pelas demandas econômicas”.*

Robson destaca que, embora a emoção e os ganhos financeiros possam apresentar atrativos momentâneos, *“a Educação desempenha um papel preponderante na preservação das tradições. Ela oferece uma ferramenta poderosa para a sustentabilidade cultural e econômica. Nesse tipo de abordagem, as comunidades são as principais beneficiárias e protagonistas, pois são elas que planejam, administram e participam ativamente das experiências turísticas oferecidas aos visitantes”.*

Em um contexto de turismo de base comunitária (TBC), as comunidades tradicionais abrem suas portas para receber os turistas, proporcionando oportunidades para compartilhar suas culturas, modos de vida, tradições e conhecimentos. Isso é feito de maneira sustentável, respeitando o meio ambiente, a cultura e os valores locais.

7. DISCUSSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A convenção 169 da OIT em seu artigo 27, citada no Dossiê sobre a situação da educação escolar das comunidades tradicionais de Paraty (2018) enfatiza a importância de um sistema educacional próprio para as comunidades tradicionais. Os programas e os serviços de educação deverão ser desenvolvidos e aplicados em cooperação com eles a fim de responder às suas necessidades particulares; deverão abranger a sua história, seus conhecimentos, técnicas, seus sistemas de valores e todas as suas demais aspirações sócias, econômicas e culturais.

A escola municipal Saulo Alves da Silva ganhou com a implantação do segmento na comunidade e com a chegada da educação diferenciada na comunidade. Segundo Cassilene, coordenadora da escola municipal “na época as crianças estudavam, por exemplo, o peixe, dentro e fora da escola. O Flávio Araújo, da praia do sono, ele trouxe o peixe, abriu a cabeça do peixe. Tirou a pedra da cabeça da corvina. Foi muito legal na escola. O projeto Escola do Mar também dialogou inclusive com a Secretaria de Meio Ambiente de Paraty.

A Escola do Mar com isso também ampliou suas possibilidades de impacto e inovação educacional, buscando novas formas de se conectar com as crianças, a natureza e a comunidade local. O coletivo de educação diferenciada de Paraty após muitas articulações visando uma educação diferenciada e construída a partir do território tradicional, convenceu a Prefeitura de Paraty, que aprovou um Decreto, no ano de 2007, que visava

garantir então um ensino diferenciado para os povos e comunidades tradicionais de Paraty.

A construção física da Escola do Mar foi possível graças ao apoio de diversas parcerias, incluindo a APA Cairuçu, que deu uma moção de apoio à AMOT na ocasião que a ZUCCEL foi ocupada pelos trindadeiros. A APA tem como princípio promover uma série de benefícios para a população, indo além da provisão de serviços de recreação e contemplação para os visitantes. A parceria com a APA Cairuçu demonstra a importância da colaboração entre diferentes atores sociais em prol do desenvolvimento sustentável e da preservação ambiental.

A Escola do Mar é um exemplo inspirador de como a educação pode ser uma ferramenta poderosa para empoderar comunidades e fortalecer sua identidade, cultura e conexões com o meio ambiente. No entanto, os desafios enfrentados ao longo do caminho exigem atenção contínua e engajamento para garantir a sustentabilidade dessas iniciativas e a preservação das tradições culturais locais.

O retorno de suas atividades contribuirá para fortalecer a identidade cultural caiçara, promover o resgate dos conhecimentos tradicionais e estimular o desenvolvimento sustentável da região, proporcionando melhores perspectivas para o futuro da comunidade de Trindade.

As entrevistas revelam diferentes perspectivas sobre o projeto Escola do Mar em Trindade. Segundo Fausto Campos, *“A princípio, os professores a gente já tinha. Porque já tinha? Porque a escola do mar foi uma demanda da ancestralidade, da questão da cultura. O Seu Vitor falava, “olha... eu to indo embora, eu preciso passar meus conhecimentos tradicionais caiçaras”. A Preta falou? Eu consigo passar isso e aquilo. E todos os outros de trindade. Então a gente já tinha alguns professores para tocar isso. Mas talvez esses professores, foi um erro nosso”*.

E em diálogo com Fausto, a autora perguntou: “*Por exemplo, em não identificar que esses “mestres do saber tradicional” poderiam é formar os professores, e não darem aula somente para os alunos? E Fausto respondeu: Sim.*

Há um consenso geral sobre a importância da iniciativa em proporcionar o ensino da cultura tradicional caiçara, envolvendo a comunidade e as crianças em atividades práticas, como a construção da casa de pau a pique e a produção de farinha. No entanto, também surgiram algumas críticas e desafios enfrentados.

A falta de unidade dentro da diversidade, a falta de clareza do que é lutar pelo coletivo. As diferenças ideológicas, políticas e até religiosas são obstáculos que causam a dissolução da unidade, da luta comum pelo território. Pequenas desavenças comprometem o andamento de muitos avanços conquistados. Outra questão destacada é a resistência à mudança e às novas ideias por parte de alguns membros do grupo de comunitários. Isso foi apontado como um dos motivos para a Escola do Mar ter enfrentado dificuldades em sua continuidade. Uma parte do grupo não se empoderou da história e outros iam às ações e não entendia de fato o que era Escola do Mar.

Ao longo da iniciativa aconteceram conflitos internos e desentendimentos como o caso da construção da horta, que gerou discussões entre os participantes. Porque o formato da horta era em forma de mandala e isso foi associado pelo grupo ligado à igreja assembleia, que fazia parte da Escola do Mar, a uma referência ao diabo. Assim como na oficina de bonecas *abayomi* (*primeiras bonecas africanas que chegaram ao Brasil, que é um símbolo de resistência*) foi considerada pelo grupo de religiosas, como uma referência ao vodu (*um boneco com alfinetes espetados*) e não força espiritual que é o que o vodu significa para o povo africano do oeste da África.

A situação atual da área ZUCEL, onde está localizada, também foi mencionada como uma preocupação, com a Prefeitura tomando posse da área

para a instalação de uma estação de tratamento de esgoto. Isso pode afetar a continuidade e o uso do espaço comunitário.

Segundo Fausto Campos, presidente da AMOT, 2016 a 2019, em entrevista afirmou: *“em nenhum momento a Prefeitura fez a desapropriação da área, se você achar esse documento, me mostre! Quanto que pagaram para a TDT até hoje? E o outro lance é o seguinte, quando a gente vai assinar alguns documentos junto a Prefeitura em relação à área, tem um vídeo que mostra a gente falando para o prefeito: olha aqui na área ZUCCEL não tem nada da questão do esgoto porque a gente não quer o esgoto aqui nessa área. Na época o Casé fala que não tem mesmo. E isso já tinha nesse Decreto de 2017 de implantação do esgoto na área. Não teve troca de apoio e projetos, não teve nada. Isso foi empurrado goela abaixo! E eu não sou contrário a questão do esgoto, seja lá onde ele for. Eu só acho que ele para ser nessa área, tem que provar que essa é a melhor área. E que isso não é simplesmente um acordo entre a Prefeitura e ICMBIO – Instituto Chico Mendes. Porque seria isso o ICMBIO retira o projeto de esgoto do parque nacional e a Prefeitura dá a autorização para fazer na área ZUCCEL. Pronto! Então o acordo não foi com a comunidade. O acordo foi feito entre os gestores da Prefeitura e ICMBIO e não com a comunidade! Quem saberia falar melhor sobre isso é o engenheiro Jim, que é também morador de Trindade, porque nos debates técnicos sobre o esgoto, teve um mundaréu de explicações que não foram dadas. O projeto do esgoto, eu sei que existe alguma coisa, mas até hoje eu não vi! O Jim debate um mundaréu de questões e, ninguém, responde ele! E é um cara que é gabaritado para isso. Uma coisa que um gestor lá atrás nos alertava era: vocês têm que tomar muito cuidado com os acordos entre os atores aqui na comunidade. Porque ele falava: “é muito fácil liberar o esgoto fora da área do parque nacional”, e daí “eu não ter que ter fiscalização em cima, como seria dentro do parque”. Lógico que “continuaría sendo outra Unidade de Conservação, com outra categoria de manejo”. Acho que o que não se pode pegar o esgoto de Trindade, concentrar num local e contar a gestão da Prefeitura.*

Por outro lado, as entrevistas também apontam as conquistas e sucessos do projeto Escola do Mar, como a valorização e preservação do conhecimento tradicional caiçara na comunidade, a parceria com a Escola Municipal Saulo Alves da Silva e a conexão das crianças com as práticas caiçaras.

No geral, fica evidente que o projeto Escola do Mar enfrentou desafios e obstáculos ao longo de sua trajetória, mas também trouxe benefícios significativos para a comunidade de Trindade. A discussão entre as entrevistas mostra a complexidade da experiência, apontando tanto para aspectos positivos quanto para áreas que precisam ser melhoradas e repensadas para o futuro. A busca por uma educação diferenciada e auto-sustentável que valorize a cultura caiçara e envolva toda a comunidade continua sendo uma meta importante para o desenvolvimento da região.

A entrevista com Seu Vitor, um membro da comunidade caiçara de Trindade, revela a importância da "Escola do Mar", para preservar e transmitir a cultura caiçara tradicional. Ele destaca que a construção da casa de farinha tinha o propósito de relembrar e manter vivas as práticas culturais e habilidades tradicionais, como a construção de canoas, redes de pesca, samburás e utensílios utilizados na produção de farinha de mandioca.

Ele enfatiza a importância de transmitir conhecimentos sobre a madeira apropriada para canoas, técnicas de medição e construção, que se baseiam em práticas tradicionais, como medir com cordas e palmas das mãos. A entrevista também aborda a relação entre a Escola do Mar e a retomada do território, já que a construção da escola coincidiu com a ocupação da área ZUCEL, refletindo o desejo de preservar a cultura caiçara e reafirmar a identidade local.

No entanto, Seu Vitor mencionou desafios, como a diminuição do interesse das gerações mais jovens pela cultura caiçara, influenciada por mudanças na alimentação e pelo uso constante de celulares. Ele expressa a esperança de que a escola continue a promover a cultura caiçara, apesar

desses desafios. Também destaca que a Escola do Mar “não é apenas um espaço físico, mas um símbolo da retomada do território e do esforço contínuo para manter vivas as tradições locais”.

Em entrevista com Robson, ele reforça o entendimento da Escola do Mar como parte do movimento de retomada do território. Destaca como a construção da escola coincidiu com a ocupação da área ZUCCEL, unindo o interesse de preservar a cultura caiçara e recuperar o território tradicional. A Escola do Mar não é apenas um espaço educacional, mas um ponto de encontro para revitalizar tradições e transmitir conhecimentos ancestrais. Em resumo, a entrevista destaca como a Escola do Mar se tornou um meio vital para preservar a cultura caiçara, relembrar práticas tradicionais e fortalecer a identidade local. Além disso, ressalta a relação intrínseca entre a escola e a retomada do território, demonstrando como ambos os aspectos estão entrelaçados na busca por manter viva a rica herança cultural da comunidade de Trindade.

8. CONCLUSÃO

Essa monografia é o resultado de esforços de várias pessoas e espera-se que através dela a história da Escola do Mar chegue um público mais ampliado. O tema desse trabalho foi instigado pelos professores da Pós Graduação, mas foram os próprios comunitários de Trindade que a encomendaram porque são conscientes do papel que universidade deve exercer na sociedade, em especial nos territórios mais vulneráveis, como é o caso de Trindade, e por tudo que foi dito até aqui. Ou seja, Trindade é um território ameaçado por diversas forças internas e externas.

A história da Escola do Mar parece um tanto confusa e difícil de contar e isso requereu o acompanhamento dos comunitários no processo da escrita. Isso foi o que garantiu um produto final exigido pela Universidade Federal Fluminense e deu sentido para o aprendizado de ser pesquisadora. Foi um

exercício de paciência e uma oportunidade de observar o quanto a vida real é complexa. É um desejo que esse trabalho incentive a continuidade da Escola do Mar, pois afinal está tudo lá ainda, a força está lá, as pessoas estão lá na comunidade. Às vezes precisa sim de um facilitador, que foi o caso da pessoa que coordenou esse trabalho nos anos de 2016 a 2020, que contribuiu para conectar aquele momento histórico com os anseios da comunidade, tendo a consciência de que a força reside na própria comunidade.

O desenvolvimento sustentável da região requer a inclusão ativa das comunidades no processo de auto crítica, de tomada de decisões, valorizando seus conhecimentos tradicionais e reconhecendo sua importância para a preservação da biodiversidade.

O grupo de comunitários que protagonizou a Escola do Mar compreende a Trindade como uma potência, que aliada à educação de qualidade, formação de lideranças, formação do senso crítico dos indivíduos pode acontecer algo revolucionário. Pensa-se que a escola pública que hoje existe ainda é limitada, o modelo que se tem é ainda fabril. E que se a maioria dos comunitários que habitam esse lugar reivindicasse os seus direitos, exigisse o melhor aproveitamento dos impostos de Trindade, que é um dos mais altos de Paraty, a comunidade poderia ser mais bem assistida. Ou se a Trindade caminhasse independente do poder público isso também seria revolucionário. Mas que muitos ainda não estão preparados para a revolução.

A violência na sociedade brasileira, exemplificada pela morte de Jaison Caique Sampaio, nos lembra da urgência de enfrentar esse grave problema e buscar caminhos para a justiça social e a segurança das comunidades locais. A construção de uma sociedade mais pacífica e inclusiva passa pelo reconhecimento e valorização das diversidades culturais e pela luta contra todas as formas de violência. Nesse contexto, a Escola do Mar emergiu como uma resposta inovadora aos conflitos e uma iniciativa inspiradora para o resgate e compartilhamento dos saberes caiçaras.

O projeto Escola do Mar em Trindade representou uma iniciativa louvável e significativa para a preservação e transmissão do conhecimento tradicional caiçara na comunidade. A participação ativa das crianças nas atividades práticas, como a construção da casa de pau a pique e a produção de farinha, mostrou como a educação pode ser enriquecedora e significativa quando integrada com as tradições locais.

No entanto, as entrevistas também revelaram desafios e obstáculos enfrentados ao longo da trajetória do projeto. A falta de inclusão e participação igualitária de toda a comunidade foi um dos principais pontos de preocupação, destacando a importância de evitar o isolamento e a concentração de poder em grupos fechados. Além disso, a resistência a mudanças e a burocracia interna mostraram ser barreiras para o crescimento e a formalização da escola de educação comunitária formal.

Apesar dos desafios, o projeto Escola do Mar conseguiu alcançar alguns sucessos notáveis, como a parceria com a Escola Municipal Saulo Alves da Silva e a incorporação do conhecimento caiçara ao currículo escolar. Isso evidencia a relevância do projeto e a importância de se buscar uma educação diferenciada que valorize as práticas locais e envolva toda a comunidade contribuindo para a sustentabilidade e autonomia da iniciativa.

Diante da preocupação com a situação atual da área ZUCEL e a ameaça à continuidade da Escola do Mar, devido à instalação de uma estação de tratamento de esgoto. Nesse sentido, é fundamental que a comunidade de Trindade continue unida e atuante para garantir a preservação e legitimação dos espaços comunitários.

Segundo Neiva da Anunciação: “Há muito tempo que a comunidade vem perdendo ao longo dos anos e das gerações o seu território para a empresa TDT, para a especulação imobiliária, para o turismo predatório, entre outras ameaças. A retomada da área ZUCEL trouxe de volta a possibilidade de a comunidade fazer uso dessa área para suas práticas tradicionais, como

espalhar as redes de pesca do cerco, assim como atividades culturais como o Festejo Caiçara que acontece anualmente”.

Atualmente está em atuação o Coletivo de Mulheres da Trindade, que começou como um grupo de mães da Escola do Mar, com o projeto "Boas práticas no mercado comunitário caiçara de Trindade, executado pela ABAT (Associação de Barqueiros de Trindade), a partir de 2021, apoiado pelo Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (FUNBIO). Ana Cecilia informou que coletivo de mulheres está se organizando para administrar uma cozinha que funcionará no Mercado Comunitário Caiçara de Trindade, em construção na área ZUCEL, localizado em frente à Unidade Básica de Saúde.

No futuro, é desejável que as lições aprendidas com o projeto Escola do Mar sejam utilizadas para o aprimoramento de iniciativas semelhantes, promovendo uma educação junto às crianças, aos adultos, ou aos professores, que valorize as tradições culturais locais, promova o engajamento de toda a comunidade e contribua para o desenvolvimento sustentável da região.

Por fim, a trajetória do projeto Escola do Mar em Trindade ressalta a importância de se reconhecer, valorizar e proteger as culturas tradicionais, fortalecendo a identidade das comunidades e promovendo uma educação que esteja profundamente enraizada na riqueza do conhecimento ancestral. Somente através do respeito e da valorização de suas raízes, as comunidades podem prosperar e continuar a transmitir suas heranças culturais às gerações futuras.

Diante dos desafios enfrentados, é imperativo que a comunidade de Trindade se mantenha resiliente, empoderada e unida em sua luta por justiça, preservação cultural e ambiental. O exemplo inspirador da Escola do Mar deve continuar a inspirar não apenas Trindade, mas também outras comunidades a promover mudanças significativas em suas realidades locais, fortalecendo seus laços com o meio ambiente e suas raízes culturais.

REFERÊNCIAS

BOLETIM CARTOGRAFIA DA CARTOGRAFIA SOCIAL: **Uma síntese das experiências / Cartografia social de Trindade: a pesca artesanal da comunidade Caiçara de Trindade** (Paraty, RJ). – N. 4 (Dez. 2016) Manaus: UEA Edições, 2016.

BRASIL. INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. **Plano de Manejo Área de Proteção Ambiental de Cairucu**. ICMBIO, 2004.

BRINGEL, Breno; VARELLA, Renata. Pesquisa militante e produção de conhecimento: O enquadramento de uma perspectiva. **Seminário Internacional Movimentos Sociais e Universidades na América Latina: pesquisa militante, produção de conhecimentos e bens comuns**. Rio de Janeiro, 2014.

CHAUÍ, Marilena. **O mito da não violência brasileira**. In: Sobre a violência. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

COMBATE. **Especulação Imobiliária mata jovem trindadeiro de 23 anos. Comunidade protesta contra a T.D.T.** 2016. Combate Racismo Ambiental. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2016/06/06/rj-especulacao-imobiliaria-mata-jovem-trindadeiro-de-23-anos/>. Acesso em 20 jul. 2023.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projetos de pesquisa: escolhendo entre as abordagens** Tradução: Sandra Mallmann 3 ed. Porto Alegre: Penso, 2015

DIAS SOBRINHO, José. **Avaliação educativa: produção de sentidos com valor de formação**. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas), v. 13, p. 193-207, 2008.

DIEGUES, Carlos Antonio. **As populações humanas em áreas naturais protegidas da Mata Atlântica**. 1996.

DOS SANTOS, Ailton Dias; DE FREITAS GAMA, Ana Maria Cardoso. **Metodologias participativas: caminhos para o fortalecimento de espaços públicos socioambientais**. Editora Peirópolis, 2005.

FARO, Amanda Regis et al. **Quando as comunidades fazem suas barreiras frente à pandemia: estratégias de defesa da vida e dos territórios das comunidades caiçaras de Trindade e Praia do Sono**, Paraty-RJ, Brasil. *Revista Tamoios*, v. 17, n. 1, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Fórum de Comunidades Tradicionais **Dossiê sobre a situação da educação escolar das comunidades tradicionais de Paraty: balanço do plano municipal de educação (2015 – 2017)**. Coletivo de Apoio a educação diferenciada.. Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba, 2018. https://www.mprj.mp.br/documents/20184/1330165/Dossie_sobre_a_situacao_da_educacao_escolar_das_comunidades_tradicionais_de_Paraty.pdf

GARROTE, Valquíria. **Os quintais caiçaras, suas características sócio-ambientais e perspectivas para a Comunidade do Saco do Mamangá, Paraty-RJ**. Dissertação de Mestrado Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Como desenvolver projetos de pesquisa**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KRENAK, Ailton. **Caminhos para a cultura do bem viver**. Disponível em: <http://www.culturadobemviver.org>. Consultado em 28 de outubro de 2021.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**, v. 5, 2003.

LOBO, Roberta. **Educação do Campo e Cultura Popular**. Projeto Redes. Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina, uma parceria entre Fiocruz e o Fórum de Comunidades Tradicionais. Outubro de 2022. Podcast. 10min 46s.

LOUREIRO, C. F. B. **A educação formal enquanto estratégia de luta dos povos caiçaras da Península da Juatinga**, Paraty/RJ. Revista Cadernos de Educação, v. 51, p. 1-21, 2015.

LUDWIG, Antonio Carlos Will **Fundamentos e prática de metodologia científica** 3 ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2015

MASCARENHAS, S. A. **Metodologia Científica**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

MATOSO, Adriana **O vento contra**. Documentário de Adriana Mattoso, 1979. Disponível no Youtube: <https://youtu.be/AEldstzzQ8E> . Acesso em: 20 ago 2023.

MENDONÇA, T. C. M.; MORAES, E. A. de.; CATARCIONE, F. L. C. **Turismo de base comunitária na Região da Costa Verde** (Rio de Janeiro): refletindo sobre um turismo que se tem e um turismo que se quer. Caderno Virtual de Turismo. Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 232-248, ago. 2016.

MONTEIRO, Thiago Lammoglia et al. **Ação política e resistência territorial: turismo de base comunitária entre os caixaras de São Gonçalo-Paraty**, Rio de Janeiro. 2017.

MUSEU DA MEMÓRIA RURALI **O que é patrimônio imaterial? Conceitos gerais e suas definições.** <https://museudamemoriarural.pt/2017/02/27/o-que-e-o-patrimonio-imaterial-conceitos-gerais-para-a-sua-definicao/> Consulta realizada em setembro de 2023

OBSERVATÓRIO DE TERRITÓRIOS SUSTENTÁVEIS E SAUDÁVEIS DA BOCAINA (OTSS); PROJETO REDES. **Projeto redes: em defesa das comunidades tradicionais pesqueiras, vozes do território**, 2022. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/1TJKo4Kk57o8KVPpamuzsD?si=vCiQdreLTyK_ieqfCJjr-g&nd=1 Spotify < Acesso em: 20 Jul 2023.

OBSERVATÓRIO DE TERRITÓRIOS SUSTENTÁVEIS E SAUDÁVEIS DA BOCAINA (OTSS) **Educação Diferenciada** <https://www.otss.org.br/educacao-diferenciada>, consultado em outubro de 2023.

OLIVEIRA, Assis da Costa; PARENTE, Francilene de Aguiar; DOMINGUES, William César Lopes. **Pedagogia da Alternância e (m) Etnodesenvolvimento: realidade e desafios.** Educação & Realidade, v. 42, p. 1545-1565, 2017.

PAIXÃO, M. **O verde e o negro: a justiça ambiental e a questão racial no Brasil.** In: ACSELRAD, H.; HERCULANO, S.; PÁDUA, J. A. (orgs.). Justiça ambiental e cidadania. 2ª ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fundação Ford, 2004. p. 159-168.

PANTOJA, Mariana Ciavatta. **Conhecimentos tradicionais: uma discussão conceitual.** In: X SIMPÓSIO LINGUAGENS E IDENTIDADES DA/NA AMAZÔNIA SULOCIDENTAL, 2016, Rio Branco. Anais... Rio Branco: PPGLI/UFAC, 2016. v. 1.

Programa Escolas do Território <https://escolasdoterritorio.uff.br/> Site consultado em outubro de 2023

SANDES, W. F. **Dimensões da ação policial em uma troca de tiros: um estudo psicosociológico da decisão pelo uso da força letal.** Unicamp, Tese de doutorado, 2013.

SANTOS, Antônio Bispo dos **A terra dá, a terra quer** Ubu Editora; **1ª edição, 2023**, 112 páginas.

SCHWENDLER, S. F. **A pedagogia de Paulo Freire inserida no contexto dos movimentos sociais.** In: Anais do III Colóquios Internacionais Paulo

Freire: **Pedagogia e Reinvenção da Sociedade**. Recife: Editora UFPB, 2001. p. 376-383.

SORRENTINO, Marcos. **Crise ambiental e educação. Pensando e praticando a educação ambiental na gestão do meio ambiente**. Brasília: Ibama, p. 93-104, 2000.

SOUZA, Vanessa Marcondes de et al. **Projeto Cerco de Saberes: educação popular em busca de justiça ambiental no sul da Península da Juatinga**, município de Paraty-RJ, 2014.

VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico Rural Participativo**. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Secretária da Agricultura Familiar. Brasília, 2010.]

WALSH, Catherine. **Interculturalidad crítica y pedagogía de-colonial: apuestas (des) de el in-surgir, re-existir y re-vivir**. UMSA Revista (entre palabras), v. 3, n. 30, p. 1-29, 2009.

WEID, Gil Von Der et al. **Território de aprendizagem COMAMP- Conselho Municipal das Associações de Moradores de Paraty**. Trabalho apresentado na conclusão da disciplina Território e territorialidade do curso de Pós graduação Gestão de Territórios e Saberes, Paraty, IEAR/UFF, 2021.